

**U. PORTO**



FACULDADE DE DESPORTO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

# Razões e Sentidos para ser Orientador de Estágio Pedagógico

Estudo realizado em Orientadores da Faculdade  
de Desporto da Universidade do Porto

Gonçalo Carlos Perez Pereira da Silva Silveira

Porto, 2009



# Razões e Sentidos para ser Orientador de Estágio Pedagógico

Estudo realizado em Orientadores da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da Licenciatura em Desporto e Educação Física, Opção Complementar de Desporto de Rendimento de Atletismo, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Doutora Paula Batista  
Gonçalo Carlos Perez Pereira da Silva Silveira

Porto, 2009

Silveira, G. (2009). Razões e Sentidos para ser Orientador de Estágio Pedagógico: Estudo realizado em Orientadores da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto: G. Silveira. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

**PALAVRAS-CHAVE:** PROFESSOR COOPERANTE; SUPERVISÃO; ESTÁGIO PEDAGÓGICO; MODELOS E ESTILOS DE SUPERVISÃO; FORMAÇÃO CONTÍNUA.

## **AGRADECIMENTOS**

Por acreditar que sou o produto de todos os que foram e de todos os que ainda são para mim, não poderia desperdiçar qualquer oportunidade de homenageá-los, mesmo que o faça de uma forma tão singela quanto esta. Assim, pela sua intervenção mais ou menos directa na produção deste trabalho, gostaria de prestar os meus agradecimentos:

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à minha orientadora, Doutora Paula Batista por toda a ajuda, disponibilidade e simpatia que sempre demonstrou ao longo deste trabalho.

À minha namorada Teresa, pela infinita paciência e por todo o apoio constante.

À Brites, uma das minhas melhores amigas, pela disponibilidade total.

Aos meus amigos que sempre estiveram presentes, nos bons e maus momentos. Especialmente à Rita e ao Guilherme pela amizade e apoio inesgotáveis.

Gostaria de agradecer à minha família, que sempre me deu todo o apoio, carinho e encorajamento nesta fase.

A todos que contribuíram nas mais diversas formas, o meu agradecimento.

**ÍNDICE GERAL**

Agradecimentos .....	III
Índice geral.....	IV
Índice de quadros.....	V
Resumo.....	VI
Abstract.....	VIII
1. Introdução .....	1
2. Revisão Bibliográfica.....	4
2.1. A Supervisão Pedagógica no contexto da Formação Inicial de Professores de Educação Física.....	4
2.2. Orientações Conceptuais na Formação de Professores .....	8
2.3. Os Modelos de Supervisão Pedagógica .....	10
2.4. O papel do Orientador de Estágio Pedagógico.....	12
2.5. Estilos de Supervisão .....	15
2.6. A supervisão pedagógica no contexto legislativo .....	16
3. Questões de Pesquisa .....	20
3.1. Questões Centrais .....	20
3.2. Questões Complementares .....	20
4. Metodologia.....	21
4.1. Grupo de Participantes .....	21
4.2. Instrumentos de Recolha .....	22
4.3. Procedimentos de Aplicação .....	23
4.4. Procedimentos de Análise .....	24
5. Apresentação de resultados .....	28
5.1. Perspectiva de Supervisão .....	28
5.2. Orientações Conceptuais.....	29
5.3. Modelos de Supervisão .....	30
5.4. Estilo de Supervisão .....	30
5.5. Aptidões e Dificuldades .....	31
5.6. Episódios Marcantes.....	33
5.7. Razões para ser Orientador de Estágio.....	34
6. Discussão dos Resultados.....	38
7. Conclusões .....	43
Referências Bibliográficas.....	45
Anexo 1 - Guião de entrevista e Entrevistas .....	46

## ÍNDICE DE QUADROS

**Quadro 1** Questões da Entrevista ..... **Erro! Marcador não definido.**

## RESUMO

O professor cooperante tem vindo a assumir um papel cada vez mais preponderante na formação inicial de futuros profissionais para a docência. Este além de assumir a função de orientador, de todo o processo de estágio, funciona como modelo para os seus estagiários. Acresce que, aliado ao desenvolvimento profissional e pessoal dos novos docentes, o orientador é responsável pela transmissão de um conjunto de valores e princípios que, entre outros aspectos, fomentem a ideia de formação contínua.

Este estudo teve como principal propósito analisar as razões e sentidos que levam um professor a querer ser orientador de estágio pedagógico. Complementarmente visou ainda detectar quais os modelos, estilos e perspectivas de supervisão adoptados pelos professores enquanto orientadores de estágio pedagógico.

Foram inquiridos quatro professores cooperantes, dois do sexo feminino e dois do sexo masculino, que integravam a lista de orientadores da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, através de uma entrevista semi-estruturada constituída por onze questões abertas e cuja validação de conteúdo foi efectuada por professores da referida instituição. A entrevista incorpora como principais blocos temáticos o processo de orientação de estágio, as razões para ser orientador de estágio e os contributos do estágio pedagógico.

Na análise dos dados recorreu-se à análise de conteúdo com o auxílio do programa QSR NVivo7.

Os resultados indicam que o modelo de supervisão reflexivo e o estilo de supervisão apoiante prevalecem entre os professores cooperantes. A actualização de conhecimentos revelou-se a principal motivação para iniciar e manter as funções de orientador de estágio pedagógico, com especial ênfase no ideal de formação contínua. O aspecto interrelacional, entre formador e formando, foi também um aspecto bastante referenciado.

De destacar ainda a menção, por parte dos orientadores de estágio, que referem que os estagiários manifestam cada vez maior falta de disponibilidade para estar na prática, embora se apresentem com uma boa base de

conhecimentos teóricos.

**PALAVRAS-CHAVE:** PROFESSOR COOPERANTE; SUPERVISÃO;  
ESTÁGIO PEDAGÓGICO; MODELOS E ESTILOS DE SUPERVISÃO;  
FORMAÇÃO CONTÍNUA.

## ABSTRACT

The cooperating teacher has been taking on an increasingly important role in the initial training of future teachers. He or she, besides supervising the whole teacher practice process, acts as a role model for his or her trainees. Moreover, together with the professional and personal growth of the novel teachers, the supervisor is responsible for conveying a set of values and principles that, *inter alia*, promote the idea of training.

The main purpose of this paper was to analyze the reasons and meanings that could drive a teacher to become a teaching practice supervisor. In addition, it also aimed at detecting which models, styles and supervision perspectives are embraced by teachers as teaching practice supervisors.

Four cooperating teachers, two male, two female, who worked as supervisors at the *Faculdade de Desporto da Universidade do Porto* [Sports Faculty of the Porto University] were interviewed; the semi-structured interview comprised eleven open questions whose subject matter was validated by teachers of said institution. The main themes comprised the supervising process of training practice, the reasons to become a teacher practice supervisor and the benefits of teaching practice

The content analysis of the data was made via the QSR NVivo7 software. The results show that the reflective supervision model and the supportive supervision style prevail among cooperating teachers. Knowledge upgrade turned out to be the primary motivation to start and keep the job of teaching practice supervisor, particularly focused on the ideal of training. The interrelationship between supervisor and trainee was also considered an important reference.

Another reference worth mentioning, this one made by the training practice supervisors, was how less and less available the trainees were for practice, although they had solid abstract knowledge.

**KEYWORDS:** COOPERATING TEACHER; SUPERVISION; TEACHER PRACTICE; MODELS AND STYLES OF SUPERVISION, CONTINUOUS TRAINING.

## 1. INTRODUÇÃO

A problemática da supervisão pedagógica assume-se, e sempre se assumiu, como um campo de investigação de máxima importância, uma vez que o processo de formação e desenvolvimento dos professores se repercute no desenvolvimento dos seus alunos. Ao nível da formação inicial, o papel de professor tem especial relevo neste processo, dado tratar-se de um interveniente central no processo que contribui para a aquisição da forma como o futuro professor adquire a base da sua competência profissional.

Alarcão e Tavares (1987) afirmam que *"ensinar os professores a ensinar deve ser o objectivo principal de toda a supervisão pedagógica"*(p.34). No entanto, com a necessidade de adaptar o corpo docente às mudanças sociais, culturais e tecnológicas da sociedade urge também a necessidade de mudar a ideia de supervisão pedagógica como processo unicamente relacionado com a formação inicial. Torna-se, por isso, urgente que toda a comunidade escolar tome consciência de que o processo de formação de professores não aconteça somente no ano de estágio pedagógico, mas que terá que ser um trabalho longo e contínuo de aprendizagem e desenvolvimento, impulsionando a ideia de uma formação contínua.

A adopção de um ideal de formação contínua pressupõe a assunção de uma postura profissional de abertura ao novo conhecimento. No caso dos orientadores de estágio pedagógico, os momentos de acompanhamento e orientação dos seus formandos revelam-se como autênticas fontes de aquisição de novas práticas, o que por sua vez implica uma nova democraticidade na gestão dos seus estagiários e na sua liberdade de iniciativa pedagógica. Segundo a perspectiva de Vieira (1993, p.28), em Portugal o termo "supervisão" encontra, alguma resistência quanto à sua aceitação, porque se encontra associado a conceitos, utilizados em outros contextos, como "chefia", "dirigismo", "imposição" e "autoritarismo". No entanto, esta nova concepção de supervisão desprende-a de todos estes conceitos redutores e coloca-se numa perspectiva mais lata que abarca todo o percurso do professor, desde a formação inicial à formação continuada, facto que tem contribuído para a aparição de inúmeros trabalhos realizados nesta, e que têm vindo a

reestruturar este conceito.

Enquanto prática, a supervisão aponta para uma construção e uma orientação metodológicas, reflexivas entre o formador e o formando, nas quais os conhecimentos são aplicados, adquiridos e reconstruídos, sendo mobilizados por uma dinâmica de “experimentação-reflexão-re-experimentação”. Esta relação interpessoal entre dois sujeitos revela-se fulcral na medida em que é este constante questionamento e experimentação que possibilitam o alcançar de uma prática consciente.

Os modelos existentes acerca do processo supervisivo, que se constituem na descrição e explicação da realidade da supervisão, permitem-nos fazer uma determinada leitura da sua aplicação prática, sendo que cada um deles acaba por realçar ideias que se complementam. Isto significa que pese embora um modelo possa dar resposta às necessidades, o que geralmente ocorre é que estes não existem “puros”, eles tendem a “misturar-se”. Acresce que tem sido dados alguns passos na tentativa de obter outros modelos que apresentem pressupostos que respondam melhor às exigências de momento.

Os estilos de supervisão materializam o modo de actuação de cada supervisor, e tal como os modelos, apresentam-se interligados não se excluindo mutuamente. São os estilos que determinam a postura a adoptar por um professor durante todo o processo de supervisão. Neste quadro e actualmente, com a reestruturação do conceito de supervisão não devemos descurar a necessidade de se proceder actualização do seu entendimento. Assim, se supervisionar implica ter conhecimento dos elementos intervenientes no processo, implica também compreender o estudante nos seus diferentes estádios de desenvolvimento criando um clima afectivo-relacional para que o processo se desenrole adequadamente.

Um dos temas mais intrigantes, pelo facto de não ser muito tratado pela investigação, reporta-se às razões que levam um professor a assumir a função de supervisor. Estas podem estar ligadas aos pontos que foram anteriormente referidos, ou não. Importa, pois, procurar perceber as razões e os sentidos que os orientadores de estágio apontam para querer ser orientadores, bem como o sentido que atribuem a função.

Deste modo apresentamos como propósito central do estudo a

determinação das razões e sentidos do professor cooperante para ser e permanecer na função de orientador de estágio.

De forma a dar resposta a um conjunto de objectivos estruturou-se o trabalho em seis partes:

- ∴ **Revisão da literatura** onde se materializa a incursão que efectuámos, nos dados oriundos da investigação, acerca do processo supervisiivo;
- ∴ **Questões de Pesquisa** centrais e complementares, que sistematizam os eixos condutores do estudo;
- ∴ **Material e Métodos** onde procedemos à caracterização do grupo de participantes no estudo, à explicitação dos instrumentos de recolha dos dados e das técnicas de análise;
- ∴ **Apresentação dos Resultados** que contém a informação factual dos dados recolhidos;
- ∴ **Discussão dos Resultados** onde procuramos interpretar os resultados à luz das evidências da investigação;
- ∴ **Conclusões** onde se procurou dar resposta às questões de pesquisa.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1. A SUPERVISÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

#### 2.2.1 O CONCEITO DE SUPERVISÃO

O conceito de supervisão é utilizado em diversos contextos e domínios. No campo da formação a sua utilização foi alvo de alguma resistência, muito possivelmente pela associação a sentidos diferenciados que a palavra adquire noutros contextos, nomeadamente a sua ligação ao mundo da actividade laboral, onde o termo está imbuído de conotações relacionadas com a “chefia”, o “dirigismo”, a “imposição” e o “autoritarismo” (Vieira, 1993, p.28). Contudo, e ainda segundo este autor, actualmente podemos considerar que esta discórdia se está a diluir, em parte devido à divulgação de estudos especializados e da criação de cursos de pós-graduação em supervisão, que em muito têm contribuído para a clarificação do conceito e para a sua crescente vulgarização e aceitação.

Alarcão e Tavares (1987) definem supervisão como um *“processo em que um professor, em princípio, mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional”* (p.18). Já Vieira (1993), define supervisão *“como uma actuação de monitorização sistemática da prática pedagógica, sobretudo através de procedimentos de reflexão e de experimentação”* (p.28). Deste modo, parece evidente que o objectivo do processo de supervisão passa por direccionar o aprendiz para um conjunto de possibilidades que, autonomamente, terá de optar pela (s) que considere mais adequada(s). A ideia de que a decisão se deve basear num processo de reflexão fica também bem expressa.

M. R. Gonçalves (cit. por J. A. Gonçalves, 2009), contrapondo um pouco a generalidade dos restantes autores, dá relevo à situacionalidade do processo, referindo que *“sem menosprezo pelas suas dimensões científicas e pedagógico-didáctica, a supervisão deve configurar-se como um processo humanista e desenvolvimentalista, de natureza essencialmente relacional, cuja*

---

*essência se traduz no estabelecimento de relações facilitadoras de desenvolvimento dos futuros educadores/professores, baseadas em atitudes de ajuda, disponibilidade, autenticidade, encorajamento e empatia dos supervisores, as quais se constituem, afinal, como factores de promoção de crescimento e de aprendizagem dos formandos” (p.29).*

No entanto, mais recentemente, outros autores, e até mesmo os já referenciados, têm vindo a referir que a supervisão não mais pode estar, apenas, conectada à supervisão de professores em formação inicial. Os autores consideram que esta ligação única conduz a uma definição demasiado redutora do termo, e que o termo possui outras potencialidades no campo da formação, ultrapassando largamente o reduto da formação inicial. As novas aplicações, não podem ser classificadas de inteiramente novas dado que, Alarcão e Tavares já em 1987 referiam, embora indiscriminadamente, que *“no quadro de formação contínua, a supervisão da prática pedagógica emerge como uma auto e hetero-avaliação, comprometida e colaborante, em que os professores se entre-ajudam a desenvolver-se e a melhorar o seu próprio ensino” (p.148).*

Estas potencialidades do termo supervisão, como já referimos, remetem-nos para o quadro de formação contínua, onde o papel da supervisão, na linha de formação contínua, assume uma preponderância igualmente importante, quando equiparada à formação inicial.

Alarcão (cit. por Alarcão, 2009), enuncia que, *“mantendo como objecto essencial da actividade supervisiva a qualidade da formação e do ensino que praticam, a supervisão deve ser vista, não simplesmente no contexto da sala de aula, mas num contexto mais abrangente da escola, como um lugar e um tempo de aprendizagem para todos” (p.120).*

Esta alteração de entendimento acerca da supervisão conduziu a uma redefinição do próprio conceito, tornando-o mais alargado, mais abrangente e mais interligado em todos os seus domínios. Assim, Alarcão e Tavares (cit. por Alarcão, 2009) sugerem um novo conceito de supervisão, assumindo que este é um processo de *“dinamização e acompanhamento do desenvolvimento qualitativo da organização escola e dos que nela realizam o seu trabalho de estudar, ensinar ou apoiar a função educativa, através de aprendizagens individuais e colectivas, incluindo as dos novos agentes” (p.120).*

A área de influência da supervisão passa então a contemplar, mais agora que outrora, o desenvolvimento das capacidades dos candidatos a professor e o desenvolvimento profissional dos que já são profissionais, denotando-se aqui o expoente máximo da formação contínua.

Este entendimento do conceito de supervisão, leva-nos, irrefutavelmente, a abordar uma temática intimamente a si interligada e que, embora já nos tenhamos referido a ela, pela abordagem da formação contínua, não pode deixar de ser esmiuçado dada a sua relevância. Na verdade, as orientações conceituais subjacentes ao processo de Formação de Professores, são indissociáveis do processo de supervisão, porquanto as concepções emanadas quer do currículo, quer dos actores reflectem-se na forma como o processo é conduzido.

### **2.2.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

De uma forma geral, parece ser unanimemente aceite que a supervisão pedagógica, se integra dentro de qualquer definição do conceito de formação de professores, dado que se apresenta como uma das fases da formação. Esta ideia está patente na definição de Honoré (cit. por García, 1999), que considera a formação, *“como uma actividade humana inteligente, que se caracteriza como uma actividade relacional e de intercâmbio, com uma dimensão evolutiva e destinada a atingir metas conhecidas”*(p.22). Na mesma linha de pensamento, Garcia (1999) refere que, *“a formação de professores representa um encontro de pessoas adultas, uma interacção entre formador e formando, com uma intenção de mudança, desenvolvida num contexto organizado e institucional, mais ou menos delimitado”* (p.22) Acresce ainda que os conceitos de formação de professores são, por norma, mais generalistas, não focando única e exclusivamente a relação interpessoal e a formação pessoal. Neste sentido, e segundo Rodríguez Diéguez (cit. por García, 1999), a formação de professores, mais não é que *“o ensino profissionalizante para o ensino”*(p.22). Para Ferry (cit. por García, 1999) a formação é entendida como *“um processo de desenvolvimento individual destinado a adquirir ou aperfeiçoar capacidades”*(p.22). Já Yarger e Smith (cit. por García, 1999) consideram a

formação de professores “*o contexto e processos de educação dos indivíduos para que se tornem professores eficazes ou melhores professores*”(p.23). Os últimos autores, ao contrário dos anteriores, já se reportam a processos norteadores da formação de professores, embora ainda o façam de uma forma muito superficial. Relativamente a esta temática, outros autores já referem definições muito mais concisas, por exemplo, Medina e Domínguez (cit. por García, 1999) consideram “*a formação de professores como a preparação e emancipação profissional do docente para realizar crítica, reflexiva e eficazmente um estilo de ensino que promova uma aprendizagem significativa nos alunos e consiga um pensamento-acção inovador, trabalhando em equipa com os colegas para desenvolver um projecto educativo comum*”(p.23).

Em suma, a generalidade dos autores, que tratam as questões da supervisão, referem a importância da existência de uma linha de pensamento e acção que promova as capacidades intelectuais, pessoais e relacionais dos novos professores. Foi esta a ideia que estimulou Marcelo García (1999, p.27) a enunciar oito princípios que devem ser considerados no processo de formação de docentes. Assim, de acordo com este autor, a formação de professores deve:

- ✓ ser um processo de desenvolvimento profissional contínuo;
- ✓ contemplar os processos de mudança, inovação e desenvolvimento curricular;
- ✓ interagir com o desenvolvimento organizacional da escola;
- ✓ dinamizar a articulação dos conteúdos académicos e disciplinares com a formação pedagógica;
- ✓ promover a relação entre a teoria e a prática;
- ✓ promover uma interligação entre o conhecimento do conteúdo e a forma como este é transmitido;
- ✓ contemplar o princípio da individualização como elemento preponderante de qualquer programa de formação;
- ✓ dar aos professores a possibilidade de questionarem as suas próprias crenças e práticas institucionais.

Reportando-se a estes princípios, Albuquerque et al. (2005) refere que “*estes princípios não esgotam a multiplicidade de aspectos que a formação de*

---

*professores pode e deve contemplar. Representam, no entanto, um quadro de referência para a nossa concepção de formação de professores e dos respectivos modelos de desenvolvimento” (p.20).*

Assim, os princípios enunciados podem servir como ponto de partida para novas concepções acerca da formação de professores, assim como para a reformulação dos objectivos e estratégias usadas no processo de formação.

## **2.2. ORIENTAÇÕES CONCEPTUAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

As concepções sobre o professor variam de acordo com as diferentes perspectivas, orientações e paradigmas. São estas que permitem adjectivar, objectivamente, as características de um professor em ensino, ou seja, as imagens que obtemos de um professor eficaz, competente, técnico, pessoa, profissional, sujeito a tomar decisões, investigador ou sujeito que reflecte.

Segundo García (1999, p.30) as diferentes concepções do que deve ser o professor, influenciam o modo como se concebe a formação de professores, isto é, os conteúdos, métodos e estratégias a que se recorre para a sua formação.

Por sua vez, Zeichner (cit. por García, 1999) refere-se às orientações conceptuais partindo da definição do conceito de “*paradigma de formação de professores*”. Este autor considera o paradigma “*uma matriz de crenças e pressupostos acerca da natureza e propósitos da escola, do ensino, dos professores e da sua formação*” (p.30). Já para Feiman-Nemser (cit. por García, 1999, p.30), são o conjunto de ideias acerca das metas da Formação de Professores e os meios para as alcançar que definem uma orientação conceptual, onde está implícita uma concepção do ensino e da aprendizagem e uma teoria acerca do aprender a ensinar. Ainda segundo este autor, a planificação do programa, o desenvolvimento dos cursos, o ensino, a supervisão e a avaliação, como actividades práticas da formação de professores, deverão ser o principal objectivo destas orientações conceptuais, que não se excluem mutuamente, podendo coexistir num mesmo “programa”.

Sabendo que o modo como, actualmente, se estruturam as orientações conceptuais tem um significado histórico, isto é, são o resultado de um

processo de transformação que foi ocorrendo ao longo dos tempos, importa fazer aqui breve revisão histórica acerca do modo como o professor era entendido.

Larnier e Little (cit. por Albuquerque et al., 2005, p.21) referem três concepções diferentes de professor. A primeira, fala do **professor como uma pessoa real**, onde sobressaem as características pessoais e humanas do professor e a maneira como estas podem influenciar o processo de investigação e formação. A segunda apresenta a ideia de um **professor como um sujeito com destrezas**, que enfatiza prioritariamente o treino de habilidades, condutas e competências do professor. A terceira, e última concepção, encara o **professor como um profissional que toma decisões**, onde se enfoca os conhecimentos específicos do professor como profissional. Obviamente que, diferentes concepções de professor deram origem a diferentes modelos de formação de professores. Neste sentido, e já em 1975, Joyce (cit. por García, 1999, p.31) apresentou uma classificação de modelos de formação de professores que comportava cinco modelos distintos: a) o **modelo tradicional**, que preconiza a separação da teoria e da prática, através de um currículo normativo e orientado para as disciplinas; b) o **movimento de orientação social**, que salienta uma perspectiva construtivista para a resolução de problemas, contrapondo-se, assim, ao modelo tradicional; c) o **movimento de orientação académica**, em que se adjectiva e caracteriza o professor como um sujeito que domina todos os conteúdos; d) o **modelo de reforma personalista**, que se centra na importância da relação do professor com os alunos, fazendo uso da sua personalidade e afectividade próprias; e) o **movimento de competências**, que incide no treino das habilidades, condutas e competências específicas.

Mais tarde, Feiman-Nemser (cit. por García, 1999, p.32) apresenta uma nova forma de apresentar as orientações conceptuais, que podem ser sintetizadas da seguinte forma:

- a **orientação pessoal** recorda-nos que aprender a ensinar é um processo de transformação, e não apenas de aquisição de novos conhecimentos e aptidões. Este conceito de orientação personalista, considera que ensinar não é a utilização de uma técnica ou conjunto de técnicas, mas sim uma constante descoberta do próprio, na procura do comportamento

profissional que mais se adequa ao seu comportamento e características pessoais (Albuquerque et al., 2005, p.27).

- a **orientação crítica/social** salienta a obrigação dos professores para com os estudantes e a sociedade, desafiando os formadores de professores a ajudar os principiantes a aprender a desenvolver práticas escolares que se fundamentam em princípios democráticos de justiça e igualdade;

- a **orientação prática** destaca o conhecimento científico, o treino sistemático, a sabedoria da prática e o aprender com a experiência. Esta orientação foca, com bastante veemência, a singularidade e ambiguidade do trabalho dos professores, considerando que só a experiência prática constante do ensino permite a aquisição de certas competências.

- a **orientação tecnológica** centra a sua atenção nas habilidades e destrezas necessárias para ensinar. O professor assume-se, por isso, como um sujeito especializado nas técnicas de ensino com vista à transmissão de conteúdos.

- a **orientação académica** visa tornar o professor especialista numa ou em várias áreas disciplinares, mais especificamente no conhecimento e domínio do conteúdo.

Em síntese, pese embora cada orientação sublinhar diferentes aspectos que devem ser considerados, nenhuma oferece um modelo completo para orientar o desenvolvimento de um programa de formação de professor. Neste sentido a integração de várias concepções parece ser o caminho a seguir

### **2.3. OS MODELOS DE SUPERVISÃO PEDAGÓGICA**

A grande panóplia de modelos de supervisão, que podemos encontrar na literatura, para além de sugerir que a prática de supervisão é complexa e pouco consensual, alerta para o facto de cada modelo apenas incorporar alguns aspectos relevantes, não havendo, assim, um modelo consensual e perfeito.

Neste âmbito Alarcão e Tavares (1987, p.19), falam-nos em 6 cenários de supervisão: **imitação artesã, aprendizagem pela descoberta guiada, behaviorista, clínico, psicopedagógico e pessoalista**. É de salientar ainda que, os próprios autores referem que estes cenários não devem ser entendidos como compartimentos estanques, estes não se excluem entre si, logo podem coexistir vários em simultâneo. Ao analisarmos os vários cenários verificámos que o **cenário da imitação artesã** assenta na ideia da imitação de um professor metodólogo modelo e na acreditação do saber como um valor imutável. A **aprendizagem pela descoberta guiada** destaca-se pela possibilidade de o professor estudar os vários modelos teóricos, acrescido da possibilidade de observar as aulas de diferentes professores em diferentes situações, ainda antes de iniciar o estágio pedagógico. O **cenário behaviorista** caracteriza-se pela observação de pequenos excertos, em vídeo, de comportamentos possíveis de adoptar nos bons e maus momentos, em inúmeras situações de aula. O **cenário clínico** contempla o professor aspirante como agente principal da acção educativa, relegando para o supervisor a missão de o ajudar, colaborando na definição de estratégias de ensino. O **cenário psicopedagógico** visa um conjunto de princípios psicopedagógicos que se podem derivar das teorias propostas pelos autores que estudaram as leis de desenvolvimento e da aprendizagem. Por último, o **cenário pessoalista** contempla uma formação com forte influência de correntes como a filosofia existencial, a fenomenologia, a antropologia cultural, a psicanálise, a psicologia diferencial, entre outras.

Por sua vez, Wallace (cit. por Alarcão, 1996, p.94), define 3 grandes modelos de formação profissional: o **modelo de “mestria”** (craft model), o **modelo de ciência aplicada** (applied science model) e o **modelo reflexivo** (reflexive model). O primeiro caracteriza-se por uma imitação da actuação de um modelo de professor, mais velho e mais experiente, isto é, consiste na transmissão de conhecimentos e experiências, por parte do professor, ao aluno, não considerando qualquer mutabilidade da sociedade e do conhecimento.

No segundo modelo, designado de ciência aplicada, visa-se o recurso à investigação científica para resolução e fundamentação dos problemas. Este modelo é denominado por Schon (cit. por Alarcão, 1996, p.95) de “*modelo de*

*racionalidade técnica*”, pois não possibilita uma actuação prática, na medida em que, não apresenta soluções para os problemas quotidianos, ou seja, não treina os alunos para agir em situações de incerteza, mas sim para investigar cientificamente essas mesmas situações, o que não o torna nada prático. Schon (cit. por Alarcão, 1996, p.96) chega mesmo a referir que a capacidade, de lidar com situações imprevisíveis, fica ao cargo da inteligência, que por sua vez é uma capacidade individual que pode ser treinada mas nunca transmitida.

Aliado ao modelo reflexivo está “a *concepção do papel do supervisor enquanto alguém que tem por objectivo principal ajudar o professor em formação a melhorar o seu ensino através do desenvolvimento pessoal e profissional*” (Alarcão, 1996, p.96). Este modelo tem como base o modelo de supervisão clínica que combina a acção e a experimentação, com uma reflexão entre o observado e o vivido (Garcia,1999, p.165). Acheson e Gall (cit. por Garcia, 1999) enunciam que o termo “*clínica refere-se a uma relação face a face entre o supervisor e o professor e centra-se na conduta do professor na sua classe*” (p.164).

#### **2.4. O PAPEL DO ORIENTADOR DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO**

Na senda do que já vem sendo dito acerca do conceito de supervisão, rapidamente se entende o que é um supervisor. Podemos assim considerar que este é o agente preponderante na formação de um candidato a professor ou estudante estagiário. Como refere Alarcão (1996), “*o supervisor surge como alguém que deve ajudar, monitorar, criar condições de sucesso, desenvolver aptidões e capacidades no professor, tornando-se por isso numa personagem semelhante ao treinador de um atleta*” (p.93).

Já Garmston et al. (cit. por Gonçalves, 2009), referem que “*o supervisor (tanto o da instituição de formação como o educador/professor cooperante, isto é, aquele em cuja sala/turma o formando realiza a sua prática pedagógica) deverá assumir-se como um mediador entre o supervisando e o seu ambiente formativo, salientando dados potencialmente relevantes, a partir dos quais o formando poderá construir novos significados*” (p.29).

Por sua vez, Vieira (1993, p.3) apresentou uma definição que entendo que seja, embora brevemente metafórica, uma conclusão bastante concisa e perspicaz, denominada por “*supervisor à moda antiga*”:

*“Escolha um professor bem experimentado (com experiência inferior a dois anos parece mal, superior a vinte pode causar desconfiança). Adicione perspicácia e inteligência q.b., sem agitar. Adoce com um pouco de sensatez e simpatia. Misture bem ao de leve. Se gostar, acrescente alguma perseverança e imaginação. Aqueça sem ferver. Deixe arrefecer. Sirva morno”.*

Esta definição refere um conjunto de capacidades e características que, embora adequadas, se tornam demasiado redutoras pela sua escassez, daí também estar intitulado de “*supervisor à moda antiga*”. Hoje, pensamos num professor com mais qualidades que, apenas, as apresentadas na definição, nomeadamente, a necessidade de formação específica para desempenhar o cargo de supervisão, o que pressupõe a aquisição de competências bem particulares.

Citando Gonçalves (2009), “*o supervisor deve ser, antes de mais, um perito em relações humanas, gerando uma comunicação dialéctica, que passe pelo saber ouvir e pelo desejar compreender, com o intuito de promover o desenvolvimento dos formandos*” (p.30).

Assim, a comunicação, verbal e não verbal, deve definir-se como qualidade imprescindível para o bom funcionamento do processo de supervisão e para uma eficaz formação de professores, dado tratar-se de um processo altamente interactivo.

Esta questão é descortinada por J. A. Gonçalves e M. R. Gonçalves (cit. por J. A. Gonçalves, 2009, p. 30), quando configuraram esta interacção comunicativa em quatro processos:

a) **O diálogo de aconselhamento** - deve ser colaborativo deve ser colaborativo, aberto, franco e empático e perspectivado como uma forma de ajudar o formando a desenvolver o pensamento reflexivo sobre a sua prática, a relacionar conhecimentos teóricos com situações experienciadas e a construir um estilo pessoal de actuação.

b) **O feedback** – enquanto estratégia construtiva de comunicação, deve ser objectivo, descritivo, construtivo, formativo e não apenas crítico, salientando os

aspectos mais positivos da acção do formando, ajudando-o a tomar decisões sobre a sua acção futura.

c) **A comunicação não verbal** – como factor de compreensão do formando, possibilita ao supervisor interpretar as mensagens não verbais do supervisando, no sentido de o ajudar a superar as dúvidas, anseios e preocupações que não manifesta verbalmente, por inibição ou receio de ser mal entendido.

d) **A metacomunicação** – significa a relação de compreensão, a nível superior, entre o código digital da comunicação (o “conteúdo” ou mensagens verbais) e o respectivo código analógico (formas de comunicação não verbal).

Albuquerque et al. (2005, p.38) foram mais longe ao definir um conjunto de competências profissionais de ensino, pelas quais o orientador se deve reger, sendo que as competências são: **a)** criar no estagiário hábitos sustentados de análise acerca, da sua própria prática; **b)** levar o estagiário a tomar consciência dessa necessidade de análise; **c)** discutir com ele as várias planificações; **d)** planificar as acções prioritárias e os eixos de trabalho a realizar; **e)** estabelecer procedimentos formais de como observar aulas e promover, de seguida, a respectiva discussão e balanço; **f)** implicar-se, em conjunto com a universidade, em projectos de formação; **g)** propor e discutir as avaliações diagnóstica, formativa e sumativa do estagiário.

A análise deste conjunto de funções ou competências revelam que o orientador deverá ser capaz de responder a uma multiplicidade de tarefas, assumir um perfil multifacetado, além de ter que ser portador de uma grande capacidade de observação e dialética que, em ambas, deve ser muito objectiva, sendo capaz de distinguir o acessório do essencial (Albuquerque et al.,2005, p.36).

Para o cumprimento destas “tarefas” o orientador terá de estabelecer uma relação de proximidade relativa com os seus estagiários. Ou seja, é natural que ambos os intervenientes mantenham uma relação comunicativa cordial em que vigora uma discussão produtiva para ambos, assim como uma partilha de conhecimentos, não podendo, mesmo assim, descurar a fase avaliativa do processo de supervisão a que o professor estagiário terá de ser sujeito. Como referem Albuquerque et al. (2005), “os orientadores têm de ser

*capazes de manter a distância (função de avaliação) na proximidade (função de apoio)”(p.42).*

Com base na maior ou menor proximidade do professor cooperante ao formando, nas suas características intra-pessoais e, ainda, tendo a conta a sua ideologia conceptual de formação, poderão definir-se os estilos de actuação de cada orientador denominados por estilos de supervisão.

## 2.5. ESTILOS DE SUPERVISÃO

Os estilos de supervisão podem ser compreendidos como formas de actuação dos orientadores aquando o processo supervisivo. Segundo Glickman (cit. por Gonçalves, 2009, p.30) são três os pré-requisitos fundamentais que devem conceber estes estilos de supervisão nomeadamente: o conhecimento, as competências interpessoais ou skills interpessoais e as competências técnicas, já referidas no ponto anterior. Para a compreensão destes modos de actuação torna-se fulcral uma breve abordagem aos skills interpessoais identificados por Glickman (cit. por Alarcão, 1987, p. 88): **a)** prestar atenção, por manifestação verbal ou não verbal (“O.K.”, “pois”, “sim”, “Uhm”); **b)** clarificar o que o professor estagiário quer referir; **c)** encorajar; **d)** servir de espelho; **e)** dar opinião; **f)** ajudar a encontrar soluções para os problemas; **g)** negociar; **h)** orientar; **i)** estabelecer critérios; **j)** condicionar.

O mesmo autor considera que estas competências interpessoais são de extrema importância, no sentido em que é a ênfase dada a um ou outro “skill” que vai determinar o estilo supervisivo adoptado.

Enquanto Glickman (cit. por Alarcão, 1987, p. 89) se refere aos três estilos de supervisão por estilo não-directivo, estilo de colaboração e estilo directivo, Severino (cit. por Gonçalves, 2009, p. 31) denomina-os, respectivamente, por estilo apoiante, estilo interpretativo e estilo prescritivo, sendo por esta nomenclatura que em seguida passamos a apresentar.

Assim, segundo este autor, o **estilo de supervisão apoiante** valoriza a pessoa usando uma supervisão reactiva, a partir do qual o orientador, aceita os pensamentos, ouve e analisa as ideias do professor esperando que seja este a tomar a iniciativa e coopera nas suas decisões. O apoio, a empatia e

encorajamento são apenas algumas das características dos orientadores que seguem esta linha de actuação.

O orientador que adopta um **estilo de supervisão interpretativo** actua sob uma supervisão activa e valoriza mais as próprias ideias, em detrimento dos pontos de vista dos formandos, no entanto, mantém o formando sob um constante questionamento acerca da sua prática e promove a aplicação de processos que conduzam à mudança.

O **estilo de supervisão prescritivo** vincula uma supervisão activa, onde o orientador se preocupa fundamentalmente com os comportamentos a desenvolver pelos formandos, tais como a competência técnica, que se traduz no aperfeiçoamento de técnicas de gestão e instrução, e os comportamentos mais apropriados para determinadas situações. Este orientador assume-se, assim, como o mestre ou mentor, mas não abdica de apoiar ou elucidar o seu formando quando este necessita.

## **2.6. A SUPERVISÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO LEGISLATIVO**

Quando se aborda a questão da supervisão, no contexto da formação de professores, importa reflectir não apenas acerca do seu entendimento, mas também enquadrá-la no contexto legislativo, porquanto é um elemento basilar que não pode ser ignorado. Basta pensar nas alterações que tem havido ao longo dos tempos, que aportaram variadíssimas mudanças, nomeadamente ao nível da terminologia, que até bem recentemente os professores que exerciam a função de supervisão nas escolas eram designados de orientadores e com o recente Decreto-Lei nº43/2007 de habilitação para a docência, passou a designar-se de professor cooperante. Neste sentido, é importante analisar a legislação de forma a captar o perfil exigido para ser professor cooperante assim como as funções que lhe são atribuídas. Este tipo de enquadramento permite elencar as obrigações e direitos dos vários intervenientes no processo de supervisão.

Mais do que fazer uma retrospectiva acerca das mudanças, optámos por fazer uma breve alusão ao momento, tomando como referência a legislação em vigor, que se consubstancia no Decreto-Lei nº43/2007 de 22 de Fevereiro.

Assim, e relativamente às escolas cooperantes, isto é, as escolas que acolhem os estudantes para fazerem a prática de ensino supervisionada, e de acordo com o artigo 18º homologado pelo Ministério da Educação (DL 43/2007 de 22 de Fevereiro) devem ser cumpridos os seguintes requisitos:

“1- Os estabelecimentos de ensino superior que pretendam organizar e ministrar ciclos de estudos nos termos e para os efeitos previstos no presente decreto-lei devem celebrar protocolos de cooperação com estabelecimentos de educação pré-escolar e de ensino básico e secundário, adiante denominados escolas cooperantes, com vista ao desenvolvimento de actividades de iniciação à prática profissional, incluindo a prática de ensino supervisionada, e de investigação e desenvolvimento no domínio da educação; 2- Os protocolos previstos no número anterior regulam a colaboração institucional com carácter plurianual e devem prever, sempre que possível, que cada escola cooperante acolha docentes das várias especialidades ministradas pelo estabelecimento de ensino superior; 3- Dos protocolos devem constar as seguintes indicações: a) Domínios de habilitação profissional para a docência, incluindo os níveis e ciclos de educação e ensino e as respectivas áreas curriculares ou disciplinas em que se realiza a prática de ensino supervisionada; b) Identificação dos orientadores cooperantes disponíveis para cada domínio de habilitação para a docência e eventuais contrapartidas disponibilizadas aos mesmos pela escola cooperante; c) Número de lugares disponíveis para os estudantes de cada especialidade; d) Funções, responsabilidades e competências de todos os intervenientes, incluindo os estudantes; e) Condições para a realização da prática de ensino supervisionada nas turmas do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, sempre na presença do orientador cooperante; f) Condições para a participação dos estudantes noutras actividades de desenvolvimento curricular e organizacional realizadas fora da sala de aula, desde que apoiados pelos orientadores cooperantes; g) Contrapartidas disponibilizadas à escola pelo estabelecimento de ensino superior. 4- Os estabelecimentos de ensino superior devem assegurar-se de que as escolas cooperantes possuem os recursos humanos e materiais necessários a uma formação de qualidade. 5- Cabe aos estabelecimentos de ensino superior participar activamente no desenvolvimento da qualidade de ensino nas escolas

cooperantes, em articulação com os respectivos órgãos de gestão. ”. (DL 43/2007 de 22 de Fevereiro)

Relativamente ao que define em termos legislativos o professor cooperante, e de acordo com o artigo 19º (DL 43/2007 de 22 de Fevereiro):

“**1-** Os docentes das escolas cooperantes que colaboram na formação como orientadores, adiante denominados orientadores cooperantes, são escolhidos pelo órgão legal e estatutariamente competente do estabelecimento de ensino superior, colhida a prévia anuência do próprio e a concordância da direcção executiva da escola cooperante. **2-** Os orientadores cooperantes devem preencher, cumulativamente, os seguintes requisitos: a) Posse das competências adequadas às funções a desempenhar; e b) Prática docente nas respectivas áreas curriculares ou disciplinas, nunca inferior a cinco anos. **3-** Na escolha do orientador cooperante é dada preferência aos docentes que sejam portadores de formação especializada em supervisão pedagógica e formação de formadores e ou experiência profissional de supervisão. **4-** No âmbito da colaboração com as escolas cooperantes, os estabelecimentos de ensino superior devem apoiar os docentes daquelas escolas, em especial, os orientadores cooperantes, no seu desenvolvimento profissional, nomeadamente no domínio da formação de futuros docentes. **5-** Os orientadores cooperantes são abonados pelo estabelecimento de ensino superior das despesas de deslocação e das ajudas de custo nos termos legalmente fixados, sempre que se desloquem para participar em acções de formação e reuniões promovidas por aquele no quadro da parceria estabelecida, e não auferem qualquer outra retribuição pelo exercício das funções de colaboração na formação” (DL 43/2007 de 22 de Fevereiro).

O Ministério da Educação também frisa os princípios que orientam todo o processo de avaliação da prática supervisionada. Assim, de acordo com o artigo 21º:

“ **1-** A avaliação do desempenho dos estudantes na prática de ensino supervisionado é realizada pelo docente do estabelecimento de ensino superior responsável pela unidade curricular que a concretiza. **2-** Na avaliação do desempenho a que se refere o número anterior é ponderada obrigatoriamente

a informação prestada pela escola cooperante, através: a) Do orientador cooperante; b) Do coordenador do departamento curricular correspondente ou o coordenador do conselho de docentes; c) No caso do ensino particular e cooperativo, do professor que desempenhe funções equivalentes. **3-** A decisão de aprovação na unidade curricular que concretiza a prática de ensino supervisionada depende da avaliação do nível da preparação dos estudantes para satisfazer, de modo integrado, o conjunto das exigências do desempenho docente” (DL 43/2007 de 22 de Fevereiro).

### **3. QUESTÕES DE PESQUISA**

#### **3.1. QUESTÕES CENTRAIS**

**3.1.1.1.** QUAIS AS RAZÕES QUE LEVAM OS ORIENTADORES DE ESTÁGIO A QUEREREM SER ORIENTADORES DE ESTÁGIO E A PERMANECEREM NA FUNÇÃO?

**3.1.1.2.** QUAIS OS SENTIDOS QUE O ORIENTADOR DE ESTÁGIO ATRIBUI À FUNÇÃO DE SUPERVISÃO?

#### **3.2. QUESTÕES COMPLEMENTARES**

**3.2.1.1.** QUAL A PERSPECTIVA DO ORIENTADOR DE ESTÁGIO ACERCA DO PROCESSO DE SUPERVISÃO?

**3.2.1.2.** QUAIS OS MODELOS DE SUPERVISÃO QUE OS ORIENTADORES DE ESTÁGIO ADOPTAM?

**3.2.1.3.** QUAIS OS ESTILOS DE SUPERVISÃO QUE PREVALECEM NO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO DE ESTÁGIO?

**3.2.1.4.** QUAL A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE OS MODELOS DE SUPERVISÃO E OS ESTILOS DE SUPERVISÃO PROTAGONIZADA PELOS ORIENTADORES DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO?

## **4. METODOLOGIA**

### **4.1. GRUPO DE PARTICIPANTES**

#### **4.1.1. SELECÇÃO DO GRUPO DE PARTICIPANTES**

Os professores cooperantes foram seleccionados a partir da lista de orientadores da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, do ano lectivo de 2008/2009. A escolha destes participantes teve em conta um mínimo de anos de experiência como professor e como orientador, e um equilíbrio entre sexos. A opção por escolher professores com um nível elevado de experiência no ensino enquadra-se nas “Etapas de Carreira” de Gonçalves (2009). Segundo este autor, professores com este nível de experiência apresentam uma grande capacidade de reflexão e ponderação, encontrando-se numa fase de “satisfação pessoal”. Relativamente à opção de contemplar professores cooperantes com um mínimo de oito anos de experiência prendeu-se com a importância que atribuímos à *praxis*, garantia de uma vivência de inúmeras situações características do processo de supervisão.

#### **4.1.2. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES**

O grupo é constituído por quatro participantes, sendo que dois são do sexo feminino e os restantes do sexo masculino, com idades compreendidas entre os quarenta e três e quarenta e seis anos de idade. A sua experiência profissional na área da docência é entre dezanove e vinte e cinco anos e, paralelamente, a esta função exercem o cargo de professor cooperante há pelo menos dez anos.

O E2 e E3 já foram orientadores numa outra instituição, nomeadamente no Instituto Superior da Maia (ISMAI), enquanto que os restantes sempre orientaram estágio pedagógico na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP).

Todos os entrevistados apresentam, ou já apresentaram, actividades, de certa forma, ligadas ao Desporto e à Educação Física, desde a direcção de uma superfície desportiva até à gestão de uma promotora de eventos desportivos, passando mesmo pelas funções de treinador e de arbitragem.

À excepção do E4, que lecciona no distrito de Braga, todos são professores no distrito do Porto, sendo que dois são professores titulares e outros dois efectivos.

## 4.2. INSTRUMENTOS DE RECOLHA

Para a recolha de dados procedeu-se à elaboração de uma entrevista semi-estruturada, composta por cinco partes: **legitimação da entrevista, o processo de orientação de estágio, razões para ser orientador de estágio, os contributos do estágio pedagógico e a validação da entrevista**. Após a estruturação do guião de entrevista procedeu-se à validação do conteúdo por consulta a três professores da FADEUP, que sugeriram alterações de forma a torná-la mais clara.

Realizamos ainda uma entrevista piloto a um orientador, que não faz parte do grupo de participantes, de forma a verificar a compreensibilidade das questões. Por fim chegamos à versão final da entrevista (Figura 1). Esta é constituída por onze questões abertas complementadas com algumas indicações (presentes no guião), que serviram de orientação ao desenvolvimento da entrevista. Procuramos que a condução fosse flexível de modo a garantir a liberdade de resposta e simultaneamente permitir a alteração da ordem das perguntas.

No anexo apresentamos a estrutura e o guião integral da entrevista.

**Quadro 1.** Questões da entrevista.

1. O que é ser orientador de estágio? (funções, papéis, exigências;)
2. Quais foram os episódios mais marcantes na sua experiência de orientação de estágio?
3. Onde é que sente mais apto no processo de orientação?
4. Onde é que sente mais dificuldades?
5. Quais são as diferenças que encontra na condução do estágio, comparativamente ao primeiro ano em que foi orientador de estágio?
6. Qual o aspecto que mais valoriza na sua actuação como orientador, relativamente à formação do estagiário? (características pessoais e “influência” sobre o estagiário)
7. O que é que o levou a ser orientador de estágio? (motivações; aspectos relativos ao contexto, escola/faculdade)
8. O que o leva a permanecer como orientador de estágio? (contrapartidas, gosto pela função, constrangimentos do contexto)
9. O que o poderia levar a desistir de ser orientador de estágio?
10. O que é que o processo de orientação lhe trouxe? (em termos pessoais, profissionais e formativos, o que é que conseguiu obter com a experiência de orientação; pessoais, profissionais em termos de reconhecimento na escola e aquisição e aprofundamento de
11. Qual o balanço global que faz de ser orientador de estágio?

**4.3. PROCEDIMENTOS DE APLICAÇÃO**

No que diz respeito à aplicação das entrevistas, e visto tratar-se de uma primeira experiência de investigação, procurou-se obter um clima favorável de maneira a não pressionar ou constranger o entrevistado. Assim, o local da sua realização foi escolhido pelos orientadores, daí que tenham sido todos diferenciados. Antes da aplicação da entrevista foi referido o âmbito do estudo assim como o propósito da mesma. Após pedida a autorização para gravação em áudio efectuámos a entrevista. A duração das entrevistas foi entre vinte e cinco e sessenta minutos, aproximadamente.

Durante a entrevista manteve-se uma postura formal mas sempre de grande interactividade entre o entrevistador e o entrevistado, de maneira a demonstrar que se estava a acompanhar o raciocínio do informante, tentando nunca enviesar ou manipular o direccionamento da resposta.

#### 4.4. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

As entrevistas foram transcritas na íntegra a partir do programa Escriba Versão 1.0 e posteriormente integradas no programa QSR Nvivo 7 para procedermos à análise do conteúdo informativo. As categorias foram definidas à posteriori embora com base nas informações oriundas da literatura. Foram assim definidas sete categorias sendo que algumas incorporaram sub-categorias. Para a análise e catalogação dos dados utilizamos a análise do conteúdo por se revelar a técnica mais adequada a este tipo de informação. Pois segundo Badin (1979) a análise do conteúdo é um método muito empírico marcada por uma grande diversidade de formas e é adaptável a um campo de aplicação muito vasto, ou seja, o campo das comunicações. Por ser uma análise dos “significados” como análise temática, ou uma análise dos “significantes” como análise lexical. Neste caso situamo-nos na análise dos significados. De seguida ir-se-ão definir, brevemente, as categorias e as sub-categorias:

**4.4.1. Perspectiva de Supervisão** – esta categoria refere-se à percepção que os professores cooperantes têm da sua actividade superviviva e divide-se em quatro sub-categorias;

**4.4.1.1. Orientação** – segundo esta perspectiva, o professor cooperante, além de colaborar com o formando em todo o processo de estágio, partilha as suas experiências, enquanto professor, de forma a dar a conhecer inúmeras alternativas para ultrapassar determinadas situações, facilitando, assim, a tomada de decisão do professor estagiário.

**4.4.1.2. Formação Contínua** – a ideia de supervisão, para o professor cooperante, passa por uma oportunidade de reformulação de conceitos, conteúdos e aquisição de novos conhecimentos e experiências, mantendo-se desta maneira constantemente actualizado.

**4.4.1.3. Monitorização** – o professor cooperante regula e controla todos os momentos e áreas de intervenção do estágio em que o formando tem

que actuar.

**4.4.1.4. Relacional** – de acordo com esta perspectiva, existe, por parte do professor cooperante, um forte interesse no conhecimento de novas pessoas, com novas ideias, com novas perspectivas.

**4.4.2. Modelos de Supervisão** – estes modelos referem-se à forma como é conduzido o estágio pedagógico, sendo que a definição de cada modelo resulta do modo de actuação do formando e do formador. Definiram-se, assim, três modelos:

**4.4.2.1. Modelo de Mestria** - caracteriza-se por uma imitação, por parte do formando, da actuação de acordo com um modelo de professor, mais velho e mais experiente. Este não considera qualquer mutabilidade da sociedade e do conhecimento.

**4.4.2.2. Modelo da Ciência Aplicada** – neste modelo visa-se o recurso à investigação científica para resolução e fundamentação dos problemas.

**4.4.2.3. Modelo Reflexivo** – este modelo defende um orientador de estágio enquanto alguém que tem por objectivo principal ajudar o professor em formação a melhorar o seu ensino através do desenvolvimento pessoal e profissional, combinando a acção e a experimentação, com uma reflexão entre o observado e o vivido.

**4.4.3. Orientações Conceptuais na Formação de Professores** – estas orientações dizem respeito aos conteúdos, métodos e estratégias a que se recorre para a formação dos professores. Definiram-se 5 categorias de análise:

**4.4.3.1. Orientação Académica** – destaca um grande conhecimento e domínio do conteúdo por parte do professor.

**4.4.3.2. Orientação Pessoal** – considera que aprender a ensinar é um processo de transformação, e não só de aquisição de novos conhecimentos

---

e aptidões. Baseia-se na procura de um comportamento profissional, de uma identidade que vá de encontro com o comportamento e carácter pessoais.

**4.4.3.3. Orientação Crítica** – destaca o desenvolvimento de princípios democráticos, de justiça e igualdade como conteúdos importantes a desenvolver durante as práticas escolares.

**4.4.3.4. Orientação Prática** – destaca o conhecimento científico, o treino sistemático, a sabedoria da prática e o aprender com a experiência.

**4.4.3.5. Orientação Tecnológica** – centra a sua atenção nas habilidades e destrezas necessárias para ensinar.

**4.4.4. Estilo de Supervisão** – Caracterizam a postura e atitude do orientador de estágio para com o formando. Categorizaram-se três estilos:

**4.4.4.1. Estilo de Supervisão Apoiante** - o orientador aceita os pensamentos, ouve e analisa as ideias do professor, esperando que seja este a tomar as iniciativas, e coopera nas suas decisões.

**4.4.4.2. Estilo de Supervisão Interpretativo** – o orientador valoriza mais as próprias ideias, em detrimento dos pontos de vista dos formandos, embora, nunca deixando de questionar o formando acerca da sua prática promovendo a aplicação de processos que conduzam à mudança.

**4.4.4.3. Estilo de Supervisão Prescritivo** – o orientador preocupa-se fundamentalmente com o aperfeiçoamento de técnicas de gestão e de instrução e os comportamentos mais apropriados para determinadas situações. Este orientador assume-se, assim, como o mestre ou mentor.

**4.4.5. Razões para ser Orientador de Estágio** – esta categoria incorpora três sub-categorias que consubstanciam as razões adjacentes à motivação, pela positiva ou pela negativa, de um orientador de estágio. Assim, verificar-se-ão as **razões que levam a iniciar a actividade**, as **razões que levam a permanecer na actividade** e as **razões que levariam a desistir da**

**actividade.**

**4.4.6. Episódios Marcantes** – estão apresentadas todas as situações consideradas relevantes pelos orientadores e que, de alguma maneira, marcaram esta função, sendo elas: **os momentos de avaliação, desistências de estágio, métodos de trabalho dos formandos, número de formandos por núcleo e outros.**

**4.4.7. Aptidões e Dificuldades** – esta categoria refere as maiores dificuldades encontradas pelos orientadores no processo de estágio, assim como as áreas e/ou momentos em que se sentem mais aptos para exercer as suas funções.

## 5. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Neste ponto procuramos dar resposta às questões de pesquisa. A apresentação será realizada categoria a categoria, observando-se a maior e menor incidência, por forma a facilitar a sua exposição.

Em anexo encontram-se todas as entrevistas na versão integral.

### 5.1. PERSPECTIVA DE SUPERVISÃO

A perspectiva de supervisão dos entrevistados foi bastante diversificada. Todas as categorias consideradas foram referidas, no mínimo, por dois orientadores. No entanto, a categoria **formação contínua** assume-se como uma condição *sine qua non* do processo de supervisão, na medida em que foi referida por todos os entrevistados, mais que uma vez. Vejamos algumas das referências enunciadas:

*“Exactamente, este desafio que há em descobrir o que de novo trazem os estagiários, esta reflexão permanente acerca do ensino, o manter-me em permanente contacto com o que aparece na actualidade, acho que ser orientadora é também uma boa forma de auto-formação, do meu ponto de vista.”* (E1)

*“Espero para o ano retomar mas enquanto eu aprender alguma coisa com o estágio, é um desafio para continuar a ser orientador de estágio...se não aprender nada, acho que não vale a pena.”* (E2)

A **perspectiva relacional**, oriunda à questão da actualização, também é de salientar, pois obteve a atenção por parte de três dos quatro professores cooperantes. De seguida podemos observar o discurso de dois entrevistados referente a este aspecto:

*“Mas acima de tudo, é o desafio de poder contactar com pessoas diferentes, de uma tentativa de me manter actualizado a nível de conhecimentos e ao mesmo tempo, transmitir a minha experiência e é exactamente isso que vejo como orientador...”* (E2)

*“Pronto, já respondi ao bocado, foi o desafio, e depois continuei porque todos os anos obriga-me a estar actualizado e desafiado e portanto, também porque eu gosto da interacção com este nível etário, eu gosto de comunicar, adoro debate, adoro que alguém tenha uma tese melhor que a minha e me obrigue... portanto, mantenho-me por causa disso.”* (E4)

## 5.2. ORIENTAÇÕES CONCEPTUAIS

Relativamente às orientações que se referem à formação de professores, foi descortinado no discurso de três entrevistados, uma com mais preponderância, a **orientação pessoal**. A E3, define com bastante perspicácia o que se pretende que os seus estagiários adquiram durante o estágio pedagógico:

*“Quando uma pessoa faz aquilo que ama, e quando tem orgulho naquilo que faz, pode parecer primário mas é assim... eu tento ensinar os meus estagiários a saber ser professor de EF. Consciente, correcto, um bom profissional, que tenha um desempenho ajustado e reajustado às turmas, aos níveis que vai ter na escola.”* (E3)

Esta categoria tornou-se num parâmetro de difícil detecção, na medida em que muitas vezes está sub-entendido e não é objectivamente referenciado pelos orientadores. A **orientação tecnológica** foi a única sub-categoria que não foi perceptível nos discursos.

### 5.3. MODELOS DE SUPERVISÃO

No que concerne a este parâmetro tornou-se fácil a sua categorização, no sentido em que a definição de cada um dos modelos é muito clara e concisa nos ideais de supervisão. Assim, constatou-se durante a análise das entrevistas que apenas o **modelo reflexivo** estava presente. A “democracia” ou “autonomia” pedagógicas são apenas algumas das formas de os orientadores entrevistados se referirem a estes modelos de “orientação”, como observamos nos seguintes excertos:

*“Tenho sempre uma componente de reflexão crítica muito forte ao longo de todo o processo, obrigando (entre aspas) os estagiários a pensarem sobre a sua actividade e nunca fazendo com que eles executem aquilo que eu quero.”*  
(E1)

*“Um aluno estagiário tem que chegar à escola e tem que se integrar no departamento, na escola, e não pode ser numa lógica de monitoragem que eu não gosto, não posso isto é... a pessoa chegar lá e ter tarefas demasiado fechadas... não dar espaço de autonomia pedagógica para fazer coisas, e ser tipo, fazer recados, fazer aquilo e aquilo... eu não... acho que não tem piada...”*  
(E4)

### 5.4. ESTILO DE SUPERVISÃO

Tal como nos modelos de supervisão, foi encontrado apenas um estilo de supervisão, o **estilo apoiante**. Este estilo de actuação, por vezes, pode confundir-se com o estilo interpretativo, no entanto, o primeiro, além de propiciar uma grande inter-reflexão, permite o estagiário escolher e optar pelas suas próprias ideias, mesmo que possam estar erradas. As citações dos E1 e do E2, esclarecem isto mesmo:

*“Eu acho que tem haver com um certa maneira de ser, que é ser curiosa e crítica ao mesmo tempo, e uma das coisas que valorizo muito e que acho ter uma grande influência depois ao nível do desenvolvimento dos estagiários é que, eu questiono-os sempre embora deixe ser eles a escolher os seu caminhos.”*

(E1)

*“Eu, exactamente porque acho que devo orientar, eu nunca dou receitas. Isso, às vezes, cria algumas dificuldades. Depois, “ Olha..Achas que deves fazer assim? Vamos experimentar...”, à partida não sei se concordo mas “Vamos experimentar...” e depois, ou dá resultado ou não dá.”*

(E2)

## 5.5. APTIDÕES E DIFICULDADES

Dentro de um espectro quase infinito de possibilidades, tanto no que diz respeito à aptidão como às dificuldades sentidas, era de esperar que as respostas não se repetissem com regularidade. No entanto, é interessante observar que as **actividades ligadas à comunidade e à escola** são das mais referenciadas, no que diz respeito a áreas em que se sentem mais aptos a exercer, embora a **área um (organização do processo de ensino-aprendizagem)** também seja objecto de referência. Assim, de seguida apresentar-se-á uma série de extractos que ilustram isto mesmo:

*“Eu, mais ou menos nas quatro áreas, sinto algum à vontade na orientação, mas ao nível do processo de ensino e aprendizagem e, ao nível da realização das actividades de ligação da escola, para mim, é onde me sinto mais à vontade.”* E1)

*“Tudo o que tenha a ver com a área três ou e com a área quatro eu domino muito. Eu mexo a escola, eu transformo a escola, eu consigo manter um bom relacionamento com a comunidade escolar, com a comunidade extra-escola, por isso, câmara municipal, junta de freguesia, associação de pais, alunos, famílias, por isso, eu sou uma boa gestora de recursos humanos e de relações humanas, obvio que isso facilita o trabalho dos meus estagiários.”* (E3)

Já relativamente às dificuldades sentidas no processo de supervisão, as áreas são das mais diversas, como os discursos dos seguintes inquiridos deixam bem evidente. Estas vão desde as **“actividades de relação com a comunidade”**, passam pelo ser capaz de dosear a **“exigência entre o sexo masculino e feminino”**, até à questão da **“classificação”** que é apontada como muito “delicada”:

*“As dificuldades são basicamente a nível da organização de actividades de interacção com a comunidade porque está sujeita a factores externos e até a uma certa cultura de escola que acho, em certas escolas existe algum hábito e alguma estrutura que já tem essas actividades no seu plano anual de actividades e há outras que não. Ao nível da minha escola, não há uma cultura de se fazer uma grande interacção com a comunidade.”* (E1)

*“E o que é frequente ouvir, é exactamente eu não ser tão explícito...” Isto não está a correr bem...” ou “Isto está a correr bem...”, eu não digo isso. Digo: “Estou satisfeito.” ou “ Eu gostava que vocês dessem mais atenção a esta área porque acho que podiam ir um bocadinho melhor...”. Quer dizer, não digo: “ Não está a correr bem! Têm de fazer de maneira diferente.”. Digo: “Vejam esta área, para ver se é possível melhorar...”. Percebe? É mais nesse sentido. Essa é uma dificuldade e é da minha responsabilidade.”* (E2)

*“A maior dificuldade que eu tenho, realmente, é às vezes ser muito exigente com as mulheres, o que eu não acho correcto... sou sempre, tenho consciência disso e luto.”* (E3)

*“O problema da classificação para mim é mais terrível, mas pronto isso é sempre angustiante estar... o que eu sei menos é de avaliação e e tenho muitas dificuldades em assumir, não é nenhum drama mas é uma dificuldade.”* (E4)

## 5.6. EPISÓDIOS MARCANTES

Dos episódios mais marcantes sobressaem, embora sem grande relevância, os **“Métodos de Trabalho dos Formandos”** e as **“Desistências de Estágio”**. Foram referidos, ambos, por dois orientadores, como os episódios que mais marcaram, ou marcam, no processo de estágio. Importa referir ainda que as restantes hipóteses, ou seja, o **“Número de Formandos em Estágio”**, **“Momentos de Avaliação”** e **“Outros”**, foram também mencionados como marcantes.

*“Outro problema, foi um aluno estagiário que desistiu, porque teve alguns problemas de saúde, e que faltava às aulas ou chegava atrasado e eu tinha que assumir as aulas no imediato e portanto isso foi um dos problemas.”* (E1)

*“Sim... De uma maneira geral, notar que o pessoal cada vez mais aparece com menor capacidade de estar na prática, é muito mais teórico e menos prático, isso por um lado.”* (E2)

*“O problema da classificação para mim é mais terrível, mas pronto isso é sempre angustiante estar... o que eu sei menos é de avaliação e tenho muitas dificuldades em assumir, não é nenhum drama mas é uma dificuldade.”* E4)

*“Por outro lado, experiências diferentes, que são completamente distintas... Ter dois, três ou quatro estagiários. O processo do estágio é completamente distinto.”* (E2)

## 5.7. RAZÕES PARA SER ORIENTADOR DE ESTÁGIO

A resposta aos parâmetros desta categoria foram bastante directas e conclusivas. Assim, relativamente às **razões que levaram a iniciar a actividade**, estas relacionam-se fundamentalmente com o desafio que é ser orientador de estágio. Acresce que também é mencionada como sendo uma actividade interessante. Verificaram-se, assim, as seguintes respostas:

*“De início, quer dizer, já tinha 15 anos de serviço quando comecei a orientar estágios e portanto, achei que seria mais uma experiência ao nível do ensino, interessante.”* (E1)

*“Olha, acima de tudo, primeiro um desafio... Foi o que eu disse... Um estágio, para mim é sempre um desafio.”* (E2)

*“Não morrer burra...”* (E3)

*“Pronto, já respondi ao bocado, foi o desafio, e depois continuei porque todos os anos obriga-me a estar actualizado e desafiado e portanto, também porque eu gosto da interacção com este nível etário, eu gosto de comunicar, adoro debate, adoro que alguém tenha uma tese melhor que a minha e me obrigue... portanto, mantenho-me por causa disso.”* (E4)

No que diz respeito às **razões que levam o orientador a permanecer na actividade**, a perspectiva de supervisão “formação contínua” preenche parte das razões, que se repartem entre a auto-formação, actualização e gosto pela actividade, além de “ter a oportunidade de se transmitir a outros (estagiários) o que se sabe acerca do ensino em Educação Física e outros aspectos relacionados com a profissão:

*“Exactamente, este desafio que há em descobrir o que de novo trazem os estagiários, esta reflexão permanente acerca do ensino, o manter-me em permanente contacto com o que aparece na actualidade, acho que ser orientadora é também uma boa forma de auto-formação, do meu ponto de vista. “* (E1)

*“Enquanto for um desafio, enquanto eu aprender alguma coisa e se me deixarem, obviamente que continuo.”* (E2)

*“É mais aquilo que eu faço... eu gosto de ser professora de EF... eu gosto de ensinar o pouco que sei..”* (E3)

*“As mesmas razões. Do ponto de vista da situação do conforto para o profissional está pior agora que há 6 anos atrás. Há 6 anos atrás tinha muito mais tempo livre, tinha muito menos que fazer, digamos assim. Tal como toda a classe docente, os orientadores também mudaram... ouve alterações e passou a ter mais trabalho e do ponto de vista da compensação... eu não acredito muito que alguém possa ser orientador de estágio porque tem uma redução de duas horas ou 4 horas de uma componente lectiva, não acredito que seja essa a grande motivação, portanto... não há assim muitas compensações... muitas contrapartidas...”* (E4)

Por último, no que concerne às **razões que levariam a desistir da actividade** de orientador, os professores cooperantes responderam de forma variada. Estes apontam a ausência de compensações internas (deixar de ser desafio) pois as compensações externas já não existem. O sentido profissional de colaborar na formação de futuros profissionais é apontado com motivo para continuar a exercer a função, em contraponto a hipotética falta de interesse da faculdade em continuar a ter a sua colaboração seria motivo de desistência. Por último é apontado como razão de abandono da função uma possível alteração da regulamentação de estágio, que não fosse encontro com os seus princípios e valores.

*“Não há compensações externas relativamente ao estágio e é bastante absorvente. Eu, pelo menos, penso que para nós nos envolvermos no estágio é bastante absorvente e às vezes, a sensação de termos, de podermos ter só as nossas turmas e não termos que dar resposta a se o estagiário é melhor ou pior em termos de actuação e portanto está a agir em nosso nome, porque as turmas neste momento são todas nossas e isso coloca algum constrangimento no processo de ensino e aprendizagem e somos sempre nós que respondemos pelas turmas e por vezes, faz-nos pensar duas vezes se vale a pena ou não continuar a ser orientador, porque o facto de termos estagiários a acompanhar as nossas turmas não nos retira carga lectiva, nem nos retira tempo de aulas, nem tempo de serviço e não há mais nenhuma recompensa externa para a responsabilidade que se acarreta.”* (E1)

*“Boa pergunta! Olha... A resposta logo e em primeiro, é deixar de ser um desafio. É não aprender, não me trazer nada de novo.”* (E2)

*“Nada, nem a senhora ministra... Tudo o que nos tiraram?... Se eu não desisti até agora... só se a faculdade prescindiu-se dos meus serviços! Estou aqui é porque eles querem... como é que se costuma dizer... "até que a voz me doa!"* (E3)

*“Essa pergunta é muito difícil de responder porque eu não sei... agora, posso dizer que é assim, se houver do ponto de vista regulamentar algo que belisque os meus princípios e valores, e eu passo a explicar, há uma tendência, tem a ver com umas constância a tender, peço desculpa pela redundância, para a monitorização. Cada vez que olho para o mail do regulamento a tendência é pôr o aluno estagiário, ou o estudante estagiário... não se preocupam com o processo pedagógico mas mais com o processo didáctico... isto para mim é monitorização, isto eu não gosto.”*

(E4)

## 6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta fase do estudo, proceder-se-á à análise dos dados obtidos com a revisão da literatura vinculada. É de salientar que algumas das questões elaboradas, aquando as entrevistas, são de possibilidade de resposta quase ilimitada, com pouco, ou nenhum, suporte para factuar com a revisão bibliográfica, nomeadamente as respostas que correspondem aos episódios marcantes e às razões para assumir a orientação de estágio.

A análise procedeu-se na mesma ordem da apresentação dos resultados, no entanto, não será de estranhar interligação de alguns aspectos, dado que apresentam uma grande conectividade ou correlação contextual.

No que concerne à Perspectiva de Supervisão, todos os inquiridos enunciaram que o processo supervisivo é de grande valor auto-formativo, ou seja, o processo de formação inicial de professores possui uma forte componente de actualização dos seus próprios conhecimentos, o que está de acordo com a ideia notabilizada de Alarcão e Tavares (1987), que referem que *“no quadro de formação contínua, a supervisão da prática pedagógica emerge como uma auto e hetero-avaliação, comprometida e colaborante, em que os professores se entre-ajudam a desenvolver-se e a melhorar o seu próprio ensino”* (p.148).

O “desafio” foi o termo utilizado, por todos os professores entrevistados, para se referirem a esta ideia de formação, o que revela, de certo modo, uma vontade de aprender coisas novas. Cada vez mais parece abolir-se o dogmatismo educacional de outrora, onde o conhecimento era transmitido do mestre ao aluno e em que todo o saber era imutável.

Bem patente está, também, a ideia de usar o processo de monitorização como forma de contactar pessoas novas e diferentes e, assim, alimentar novas relações inter-pessoais, como alude Gonçalves (2009). Este anseio relacional está, de certa forma, ligado ao conceito de formação contínua, no sentido em que o professor cooperante vê o professor estagiário como “amigo”, e que dele pode adquirir novas ideologias e conceitos. Antigamente, tal não era possível face a intransigência do mentor e a formalidade do processo.

É interessante verificar-se que nenhum dos indagados visualiza a formação de professores como uma perspectiva exclusiva de monitorização ou de orientação, relacionando-a sempre com outra perspectiva, seja ela relacional ou de auto-formação.

As linhas orientadoras na formação de professores não ficaram claras no discurso dos professores cooperantes, o que pode levar a interpretações algo diferenciadas, dependendo do avaliador. Mesmo assim, pode apontar-se, objectivamente, o ideal de uma orientação pessoal, ou seja, um desenvolvimento profissional do formando que mais se adequa ao seu comportamento e carácter pessoal. Esta orientação pessoal visa a transformação do formando no sentido de torna-lo num profissional com características e personalidade própria. Apenas num entrevistado (E2) se destaca a orientação prática. Nesta orientação é dada grande importância à sabedoria da prática e ao aprender com a experiência. Ou seja, esta orientação foca o desenvolvimento do formando através do treino sistemático dos seus conhecimentos científicos. Em suma, enquanto que a orientação pessoal dá relevo às competências pessoais, a orientação prática coloca em evidência as competências técnicas, o saber fazer.

A orientação tecnológica, que incide exclusivamente nas técnicas de ensino para transmissão de conteúdos, não ficou evidente em nenhum dos discursos dos entrevistados, o que revela que estes orientadores não consideram suficiente para ser professor o “*saber como fazer*”, é também necessário “*saber*” e *saber ser*”. Ideia que vem de encontro com a generalidade de autores (e.g. Serrano, 1981; Feiman, 1990; Pérez; García, 1999).

Relativamente aos Modelos e aos Estilos de Supervisão ficou evidente apenas um tipo de modelo de supervisão, o modelo reflexivo, e um estilo de supervisão, o estilo apoiante. Sendo que ambos estão assentes na prática reflexiva, pode arriscar dizer-se que existe uma actuação coerente por parte dos professores cooperantes. Senão vejamos: o modelo reflexivo promove a comunicação entre o observado e o vivido, o estilo apoiante visa o encorajamento e a empatia pela relação comunicativa; o modelo reflexivo libera a experimentação na acção, o estilo apoiante defende a iniciativa. Dito isto, não é estranho observar-se apenas um estilo de supervisão e, igualmente, um

modelo de supervisão, já que ambos parecem andar a par. A título de exemplo, o mesmo acontece com o modelo de mestria e o estilo prescritivo: se o primeiro não considera a mutabilidade da sociedade e do conhecimento, no segundo o orientador preocupa-se fundamentalmente em aperfeiçoar as técnicas de gestão e instrução e os comportamentos mais adequados para determinadas situações.

O modelo e o estilo adoptados são mais uma indicação do desprendimento dos professores cooperantes a teorias fechadas e inquestionáveis. Tanto o estilo como o modelo supervisivos, aparecem, em certa medida, conectados à perspectiva de supervisão como formação contínua e como propulsora da actividade relacional.

A organização de actividades ligadas à escola e à comunidade são referidas, pela maioria dos inquiridos, como actividades fáceis de organizar e gerir, no entanto, um dos entrevistados refere exactamente o contrário. Esta dificuldade não se refere ao planeamento ou concepção da actividade mas a factores externos, que neste caso se subentende serem as autorizações dos conselhos executivos, aos espaços disponíveis para os eventos e à adesão dos professores de outras disciplinas, entre outras.

A classificação foi referida como um grande problema por um dos professores, sendo mesmo mencionada como angustiante. Esta categoria, ao contrário do pensamento que vigora, não foi referida como um aspecto preocupante pelos restantes orientadores. Outro aspecto mencionado por uma professora como problemático foi a capacidade de equilibrar o grau de exigência entre o sexo feminino e o sexo masculino. Esta tende a ser mais exigente com os elementos do sexo feminino. Foi ainda designado como dificuldade por um orientador o ser capaz de ser explícito relativamente ao que fazer e ao como fazer (em algumas situações), ou seja, assumir um papel prescritivo.

Dos episódios mais marcantes, vivenciados pelos orientadores de estágio, o “método de trabalho dos formandos” e as “desistências de estágio” ocupam especial destaque. Relativamente à primeira categoria importa ainda referir que o “método de trabalho dos formandos” foi indicado como aspecto

preponderante, porquanto ano após ano os estagiários têm vindo a denunciar menor capacidade de saber estar na “prática”, embora cheguem com bons conhecimentos teóricos. Esta questão parece bastante pertinente no sentido em que é referida pela primeira vez a falta de experiência prática, ou pode ainda denunciar um conceito cada vez mais virado para o saber académico e menos para a prática real de ensino. As “desistências de estágio” têm também algum peso na consideração dos professores cooperantes. Esta preocupação pelo facto de alguns alunos terem desistido, independentemente da razão, revela, em certa parte, alguma proximidade e empatia do professor para com o seu “aluno”. Aqui pode estar explícita a relação interpessoal, entre formador e formando, que se abordou aquando a referência à orientação pessoal, e que tem incorporada a preocupação do orientador pelo desenvolvimento do estagiário.

A análise da categoria que se refere às “razões do orientador de estágio” foi bastante conclusiva. No que diz respeito às “razões que levaram a iniciar a actividade” todos os inquiridos referiram a auto-formação como razão principal. Em todos os casos se verificou categoricamente, como já foi referido anteriormente, a alusão ao desafio ou ao trabalho desafiante, o que é revelador de uma grande preocupação por parte dos orientadores na aquisição de novos conhecimentos.

O facto de verificar-se que as razões indicadas para permanecer na actividade serem as mesmas é perfeitamente compreensível, isto é, a formação contínua.

Já relativamente às “razões que levariam a desistir da actividade” o caso muda, como já seria de esperar. As diferentes razões são clarificadoras quanto ao que cada um acha serem os limites da desistência. Um professor refere que, embora a sua motivação para exercer a função não seja a recompensa externa, porque nesse caso não a faria face à sua ausência, os orientadores sentem-se, por vezes, numa corda-bamba, sem saber se todo o trabalho vale realmente a pena. Estas compensações têm a ver com questões bastante importantes, como a parca redução da carga horária lectiva e falta de compensação monetária (subsídio de alimentação ou transporte por exemplo).

Outro entrevistado responde de forma muito objectiva e esclarecedora, afirmando, quase por estas palavras, que se deixar de ser um desafio e não aprender nada com o processo de estágio, não faz sentido continuar.

Um dos professores cooperantes foi bastante concludente ao referir que não há nenhuma razão que o possa levar a desistir da função de orientador, a não ser que a faculdade prescindisse dos seus serviços. A última das razões consideradas preponderante para o abandono da função de orientador, refere-se a algo que possa por em causa os princípios e valores de um orientador de estágio, relativamente ao processo de orientação.

## 7. CONCLUSÕES

Apesar da dificuldade de que se reveste a elaboração de uma síntese conclusiva que abarque toda a riqueza de um trabalho de natureza interpretativa, importa aqui fazer esse esforço de síntese. Deste modo, e de evidenciar as seguintes conclusões:

- Os participantes deste estudo, enquanto orientadores, utilizam estratégias de supervisão apoiadas num sistema de constante reflexão e experimentação. Conclui-se que os modelos de supervisão e os estilos de supervisão adoptados, revelaram-se os mesmos em todos os professores cooperantes;
- Através de um modelo reflexivo e um estilo apoiante os professores cooperantes revelam uma faceta consentânea com o conceito de supervisão que actualmente, começa a emergir. Esta perspectiva de processo não autoritário e bastante interrelacional caracteriza bem estes profissionais, que se revelam livres de preconceitos quanto ao seu saber, isto é, não o consideram mutável. Esta atitude revela-se propícia à aquisição de novos conhecimentos, não somente ao nível da sua aplicabilidade prática mas também ao nível teórico;
- Os professores cooperantes assumem como papel central, o ser capaz de contribuir para o desenvolvimento profissional dos futuros novos licenciados em educação física, “incutindo-lhes” os princípios e valores que caracterizam um professor competente;
- Todos os entrevistados referiram veemente a oportunidade de actualizarem os seus conhecimentos através do processo de supervisão, comprovando-se assim o ideal de uma formação que não se esgote na formação inicial. Esta competência é, por todos, considerada também um aspecto fundamental a ser transmitido aos formandos;

- Entre vários episódios marcantes, vividos pelos orientadores, destacam-se a cada vez maior falta de disponibilidade para estar na prática por parte dos estagiários, embora apareçam na escola com uma boa base de conhecimentos. A desistência de estágio por parte dos alunos é também referida como episódio marcante;
- A organização de actividades ligadas à escola é referida como uma área de fácil organização, pela maioria dos entrevistados. Já no que se refere à área em que sentem mais dificuldades, concluíram-se diferentes opiniões, sendo que o mais relevante se refere à pressão psicológica vivida nos momentos de avaliação;
- Relativamente às razões que movem os professores cooperantes, conclui-se, mais uma vez, que a possibilidade de auto-formação no processo de supervisão foi determinante aquando do início da função de orientador, bem como para a sua manutenção. Já no que diz respeito às razões que poderiam levar a desistir da actividade, todas as opiniões foram bastante diversificadas. Estas vão desde à afectação dos seus valores e princípios, à não redução na carga horária, ou outro tipo de recompensa, até à desistência de funções a partir do momento que deixasse de ser um desafio. Destaca-se que um dos inquiridos referiu que a desistência da função de orientador nunca seria uma hipótese, independentemente da razão.

### **LIMITAÇÕES E SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS**

As conclusões a que se chegou devem de ser lidas no contexto de um estudo interpretativo, que neste caso foi realizado com um número limitado de participantes. No entanto, e apesar das reservas levantadas, os resultados obtidos lançam uma série de questões de grande potencial para o repensar do processo de supervisão no ensino e nas estratégias utilizadas pelos supervisores na orientação do estudante estagiário em situação de estágio. Por conseguinte, pensamos que em futuros estudos seria importante continuar a investigar esta temática, alargando a amostra e incorporando a “voz” dos estagiários.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I. (Org.). (1996). Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão. Porto: Porto Editora
- Alarcão, I. (2009). Formação e supervisão de professores: uma nova abrangência. Texto da conferência proferida na Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto, a 3 de Maio de 2007. Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 8, 119-128
- Alarcão, I., & Tavares, J. (1987). Supervisão da prática pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem. Coimbra: Livraria Almedina
- Albuquerque, A., Graça, A., & Januário C. (2005). A supervisão pedagógica em educação física: a perspectiva do orientador de estágio. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bardin, L. (1977). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- García, C. M. (1999). Formação de professores: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora
- Gonçalves, J. A. (2009). Desenvolvimento profissional e carreira docente: fases da carreira, currículo e supervisão. Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 8, 23-36
- Vieira, F. (1993). Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores. Rio Tinto: Edições Asa

## ANEXO 1 - GUIÃO DE ENTREVISTA E ENTREVISTAS

### GUIÃO DE ENTREVISTA

Bloco Temático	Objectivos	Questões	Observações
<b>Legitimação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informar acerca do objectivo da entrevista e do contexto em que surge.</li> <li>• Papel do(s) investigador(es)</li> <li>• Valorizar o contributo do participante</li> <li>• Garantir a confidencialidade da fonte de informação e o anonimato das respostas.</li> <li>• Obter autorização para registar em áudio e escrita</li> <li>• Agradecer a colaboração no estudo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• deseja saber mais alguma coisa sobre este trabalho? E acerca da entrevista?</li> <li>• há alguma coisa que não tenha ficado clara?</li> <li>• tem alguma objecção a que entrevista seja gravada? Ou que tome algumas notas?</li> </ul>	
<b>Dados Pessoais</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Idade?</li> <li>• Sexo?</li> <li>• Há quanto tempo é orientador de estágio.</li> <li>• Orientou estágio noutra instituição?</li> <li>• Outro modelo de estágio?</li> <li>• Experiência profissional?</li> <li>• Alguma actividade paralela para além de professor?</li> <li>• Vivência e prática desportiva?</li> <li>• Situação profissional?</li> <li>• Já trabalhou com mais supervisores?</li> </ul>	
<b>O Processo de Orientação de Estágio</b>		<p>12. O que é ser orientador de estágio? (funções, papéis, exigências;)</p> <p>13. Quais foram os episódios mais marcantes na sua experiência de orientação de estágio?</p> <p>14. Onde é que sente mais apto no processo de orientação?</p> <p>15. Onde é que sente mais dificuldades?</p>	

	<p><b>16. Quais são as diferenças que encontra na condução do estágio, comparativamente ao primeiro ano em que foi orientador de estágio?</b></p> <p><b>17. Qual o aspecto que mais valoriza na sua actuação como orientador relativamente à formação do estagiário?</b> (características pessoais e “influência” do estagiário)</p>
<p><b>Razões para ser Orientador de Estágio</b></p>	<ol style="list-style-type: none"> <li><b>1. O que é que o levou a ser orientador de estágio?</b> (motivações; aspectos relativos ao contexto, escola/faculdade)</li> <li><b>2. O que o leva a permanecer como orientador de estágio?</b> (contrapartidas, gosto pela função, constrangimentos do contexto)</li> <li><b>3. O que o poderia levar a desistir de ser orientador de estágio?</b></li> </ol>
<p><b>Contributos do Estágio</b></p>	<ol style="list-style-type: none"> <li><b>1. O que é que o processo de orientação lhe trouxe?</b> em termos pessoais, profissionais e formativos. (o que é que conseguiu obter com a experiência de orientação; pessoais, profissionais em termos de reconhecimento na escola e aquisição e aprofundamento de conhecimentos, quebrar rotinas)</li> </ol>
<p><b>Qual o balanço global que faz de ser Orientador de Estágio?</b></p>	
<p><b>Validação da Entrevista</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• recolher informação não prevista e que seja importante para o</li> <li>• <b>Há ainda algum aspecto que queira referir?</b> (houve algum aspecto que não</li> </ul>

entrevistado	foi abordado?)
<ul style="list-style-type: none"> <li>• averiguar a reacções á entrevista</li> <li>• recher sugestões do entrevistado de aspectos a incorporar na entrevista</li> <li>• avaliar a exaustividade do guião da entrevista</li> <li>• concluir a entrevista</li> <li>• agradecer mais uma vez a colaboração e valorizar o seu contributo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Qual a sua opinião da entrevista?</b> (e do trabalho que se pretende efectuar?)</li> <li>• <b>Tem alguma sugestão a fazer?</b> (que outras coisas acha que seria importante considerar?)</li> </ul>

### **ENTREVISTA A E1**

**Gonçalo [G]- Boa Tarde...Embora a professora Paula já possa ter dado algumas luzes...**

**E1 [T] - Ainda não falei com ela...**

**[G] - A entrevista é para a minha monografia, para o meu trabalho monográfico e consiste em saber quais as razões que levam um professor a ser orientador de estágio. Eu sou a pessoa que está a realizar o trabalho...Desde já quero agradecer a disponibilidade, sabendo que a agenda profissional é complicada, percebendo perfeitamente. Aliás é a única entrevista que vou realizar em Agosto, porque mais ninguém se encontra disponível. Queria-lhe pedir autorização para gravar a entrevista...**

**[T] – Não há problema...**

**[G] - A entrevista consiste em três partes: Os dados pessoais que é a parte da participação na entrevista, o processo na orientação de estágio, as razões que levam um professor a ser orientador de estágio e os contributos no estágio, e depois uma pergunta aberta que é sobre o balanço global sobre o facto de ser orientadora de estágio, tratando-se de uma pergunta com resposta aberta. Vou-lhe então pedir os dados pessoais... Há quanto tempo é orientadora de estágio?**

**[T] - Eu sou orientadora de estágio, eu penso que há 10 anos...**

**[G] - 10 anos... Portanto, orientou estágio em alguma outra instituição?**

**[T] - Não. Sempre na FADEUP.**

**[G] - O modelo de estágio sempre foi o mesmo ou tem conhecimento de algum outro modelo de estágio? Ou adoptou algum modelo de estágio diferente?**

**[T] - Não, o modelo de estágio sempre foi este só que, existia o modelo de formação integrada em que os estagiários tinham duas turmas e eram deles e agora o modelo de estágio... eles fazem estágio nas turmas do orientador...Portanto, é a única diferença.**

**[G] - Experiência profissional total... Como orientadora de estágio, como professora...**

[T] - Eu sou professora desde 1985. Comecei a dar aulas em 85, exerci os cargos de delegada de grupo, directora de turma, participei em funções gerais da escola, presidente do conselho geral da escola, também fui presidente geral do conselho geral [...] ,do anterior, já fiz parte da assembleia da escola, que era o órgão anterior ao conselho geral, fui coordenadora de grupo fui coordenadora de desporto escolar, basicamente fui membro do conselho pedagógico, acho que passei pelas funções quase todas, para além de professora de Educação Física, do 3º Ciclo e Ensino Secundário. Leccionei turmas de Desporto, de Opção de Desporto.

**[G] – Leccionou turmas do Curso Profissional de Desporto?**

[T] – Havia o Desporto antes de haver o Curso Profissional de Desporto...

**[G] – Há alguma actividade paralela para além da de professora?**

[T] – Durante um ano, dei treinos às meninas de iniciação à aprendizagem de ginástica rítmica, já dei aulas na pré-primária e na primária, como apoio,mas neste momento sóestou com um estágio.

**[G] – Situação Profissional?**

[T] – Sou Professora Titular.

**[G] – Já agora pode dizer em que escola?**

[T] – Sou professora na Escola Secundária Dr. Manuel Gomes de Almeida em Espinho.

**[G] –Já trabalhou com mais supervisores, para além da Professora Paula Baptista?**

[T] – Sim, trabalhei com mais um supervisor, o Professor Albuquerque.

**[G] – Acho que sei quem é. Vou-lhe perguntar agora uma banalidade...A idade e o sexo.**

[T] – Sexo Feminino e tenho 45 anos.

**[G] – Pronto, isto foram os dados pessoais e agora vamos passar para o primeiro tema da entrevista, que é o processo e orientação de estágio. Há umas perguntas que podem coincidir com outras, no entanto existem alguns pontos que posso definir para explicitar a pergunta. Oque é ser orientador de estágio? As funções, os papéis, as exigências que implica?...**

[T] – Ser orientadora de estágio é acompanhar todo o processo de desenvolvimento do estagiário na escola, acompanhando ao nível das quatro áreas de desempenho, que é na área I, que é o processo de ensino e aprendizagem, que no fundo é o fulcral do ensino no estágio e acompanhá-lo quer na concepção, planeamento, na realização, na actuação e em todas as fases do processo. Depois nas outras três áreas também do desempenho e sobretudo ser orientador de estágio é ajudar os estagiários a encontrar caminhos. Eles próprios encontrarem os seus caminhos...É questionar o que eles fazem, é fornecer materiais para eles trabalharem, é criar condições para eles darem resposta àquilo que é exigido pela faculdade, em termos de formação.

**[G] – Quais foram os episódios mais marcantes na sua experiência de orientação de estágio?**

**[T]** – Logo no início do processo de estágio, um dos episódios bastante marcantes que eu tive foi, o desenvolvimento da relação com uma aluna estagiária em que as dificuldades dela em termos de ligação com as novas tecnologias, com os computadores, era muito complicado e então conseguir conciliar aquilo que não era realizado em termos de materiais mas que depois aparecia, de alguma forma feito na prática, e conseguir digerir isto, foi algo complicado. Isso foi uma das situações que me criou alguns entraves, porque saber aferir o que é feito pelo estagiário e o que é complementado pelos colegas, que nem sempre é visível, é um bocado complicado. Outro problema, foi um aluno estagiário que desistiu, porque teve alguns problemas de saúde, e que faltava às aulas ou chegava atrasado e eu tinha que assumir as aulas no imediato e portanto isso foi um dos problemas. Depois, tenho surpresas pela positiva, de estagiários muitíssimo bons, que tiveram patamares de excelência em termos de desempenho e que portanto surpreenderam-me pela forma inovadora como conseguiram trazer as novidades para o processo de ensino e aprendizagem.

**[G] – Terceira pergunta: Onde é que sente mais apta no processo de orientação? Pode ser dentro das quatro áreas ou dentro de uma área em específico.**

**[T]** – Eu, mais ou menos nas quatro áreas, sinto algum à vontade na orientação, mas ao nível do processo de ensino e aprendizagem e, ao nível da realização das actividades de ligação da escola, para mim, é onde me sinto mais à vontade. A orientação ao nível da área III que é a ligação à comunidade, é onde se sente mais dificuldade porque depende de factores externos e nem sempre há na escola uma certa tradição de criar essas actividades de ligação à comunidade e isso também dificulta a orientação do processo porque se não temos essa tradição e se não há um hábito de o fazer, isso cria alguns constrangimentos. Ao nível da auto-formação da área IV, do desenvolvimento, aí também penso que estou mais ou menos à vontade, porque é uma área em que eu gosto de estimular o desenvolvimento pessoal do estagiário.

**[G] – Onde é que sente mais dificuldades? Lá está, esta é uma pergunta que entra em choque com a anterior, mas é para focar especificamente as dificuldades.**

**[T]** – As dificuldades são basicamente a nível da organização de actividades de interacção com a comunidade porque está sujeita a factores externos e até a uma certa cultura de escola que acho, em certas escolas existe algum hábito e alguma estrutura que já tem essas actividades no seu plano anual de actividades e há outras que não. Ao nível da minha escola, não há uma cultura de se fazer uma grande interacção com a comunidade. Começa a existir agora... E como não há, é mais difícil para nós criarmos essas condições para que essas actividades se desenvolvam portanto, basicamente é isso. O processo de avaliação, é um processo melindroso, não é que me sinta pouco à vontade, acho que as coisas têm funcionado bem uma vez que há uma relação aberta, normalmente um diálogo e portanto as coisas têm corrido muito bem.

**[G] – Quais são as diferenças que encontra na condução do estágio, comparativamente ao primeiro ano em que foi orientadora de estágio?**

**[T]** – Eu considero que a experiência é sempre uma mais valia e é para mim, neste caso. Portanto, no início havia mais dificuldade em conhecer por dentro todo o processo e logo, orientar de forma

adequada de forma a que as coisas chegassem. Ao longo dos anos, e nesta fase em que me encontro já com dez anos de orientação, as coisas são mais facilitadas porque de uns anos para os outros eu vou tomando notas de coisas que acho pertinentes e portanto há uma evolução, um foco mais direccionado para aquilo que considero mais importante e consigo por vezes aperceber-me de determinadas características dos estagiários mais cedo e intervir mais rapidamente. No fundo, é a experiência que me tem dado mais ferramentas para fazer uma orientação mais próxima, penso eu, mais adequada.

**[G] – Qual é o aspecto que mais valoriza na sua actuação como orientadora relativamente à formação do estagiário? Características pessoais, por exemplo...**

**[T]** – Eu acho que tem haver com um certa maneira de ser, que é ser curiosa e crítica ao mesmo tempo e uma das coisas que valorizo muito e que acho ter uma grande influência depois ao nível do desenvolvimento dos estagiários é que, eu questiono-os sempre embora deixe ser eles a escolher os seu caminhos. Tenho sempre uma componente de reflexão crítica muito forte ao longo de todo o processo, obrigando (entre aspas) os estagiários a pensarem sobre a sua actividade e nunca fazendo com que eles executem aquilo que eu quero. Eles têm de descobrir os caminhos deles, isso é o que lhes digo. Eu não estou aqui para lhes dizer o que têm de fazer, eles têm que passo a passo ir descobrindo. Eu, estou aqui para orientar e para ir questionando e ir corrigindo se necessário, mas sempre do ponto de vista daquilo que o estagiário vai conseguindo fazer, que é para eles criarem a sua própria forma de estar no ensino, sem fugir aos normativos, sem fugir aos normativos, às concepções que temos do que são os planeamentos, as orientações metodológicas, quais são as estratégias mas sem fugir a isso, eu penso que o sentido de criar uma grande autonomia dos estagiários através de uma reflexão crítica sempre permanente, que é a grande mais valia do estágio e da minha característica em relação à minha orientação.

**[G] – Pronto, isto foi sobre o processo de orientação de estágio e agora vamos passar para as razões para ser orientador de estágio, que é o que vai mais de encontro com o tema da monografia. O que a levou a ser orientadora de estágio? Motivações, aspectos relativos ao contexto...**

**[T]** – De início, quer dizer, já tinha 15 anos de serviço quando comecei a orientar estágios e portanto, achei que seria mais uma experiência ao nível do ensino, interessante. Por aí, decidi candidatar-me. Na altura, havia um colega que tinha já estágios na escola e portanto já sabia o que era um processo de estágio e, como conhecia decidi que era uma função que gostaria de experimentar e gostei, e gosto de a desempenhar.

**[G] – Portanto uma motivação intrínseca...**

**[T]** – Uma motivação intrínseca, basicamente...

**[G] – O que a leva a permanecer como orientadora de estágio?**

**[T]** – Exactamente, este desafio que há em descobrir o que de novo trazem os estagiários, esta reflexão permanente acerca do ensino, o manter-me em permanente contacto com o que aparece na actualidade, acho que ser orientadora é também uma boa forma de auto-formação, do meu ponto de vista.

**[G] – O que a poderia levar a desistir de ser orientadora de estágio?**

[T] – Às vezes o estágio é menos compensador...Não há compensações externas relativamente ao estágio e é bastante absorvente. Eu, pelo menos, penso que para nós nos envolvermos no estágio é bastante absorvente e às vezes, a sensação de termos, de podermos ter só as nossas turmas e não termos que dar resposta a se o estagiário é melhor ou pior em termos de actuação e portanto está a agir em nosso nome, porque as turmas neste momento são todas nossas e isso coloca algum constrangimento no processo de ensino e aprendizagem e somos sempre nós que respondemos pelas turmas e por vezes, faz-nos pensar duas vezes se vale a pena ou não continuar a ser orientador, porque o facto de termos estagiários a acompanhar as nossas turmas não nos retira carga lectiva, nem nos retira tempo de aulas, nem tempo de serviço e não há mais nenhuma recompensa externa para a responsabilidade que se acarreta.

**[G] – Nomeadamente a parte da remuneração...**

[T] – Exactamente. Existia no início, não era uma remuneração, existiam umas ajudas de custo que não era muito, mas era uma ajuda. De facto, é uma responsabilidade muito grande... De qualquer maneira, neste momento penso que nada me faz desistir do estágio assim à priori, mas o facto de não haver uma compensação e a exigência que o estágio possa ter em relação ao nosso trabalho, à nossa responsabilidade, é o que me faz questionar o continuar ou não continuar com o estágio.

**[G] – Agora relativamente aos contributos do estágio...É uma pergunta muito geral... O que é que o processo de orientação lhe trouxe? em termos pessoais, profissionais e formativos.**

[T] – Em termos pessoais, boas relações com muita gente, o que é sempre uma grande mais valia. Acabamos por fazer amigos e isso é importante. Às vezes é difícil distinguir em termos pessoais, profissionais e de auto-formação, porque eles interligam-se. A partir do momento, em que crio boas relações aliás, além das boas relações que tenho tido com bastantes estagiários, há também uma grande satisfação na aprendizagem que eu vou tendo com eles. Isto, já é uma mais valia a nível profissional porque eu vou aprendendo novas coisas que não dominava, quer seja através deles quer pela necessidade de os orientar e eu tenho que pesquisar para chegar a eles ou para os orientar e portanto tudo isso é uma mais valia. Em termos profissionais, isso tem um contributo grande e em termos de auto-formação também, portanto elas colidem um bocadinho uma com a outra, a auto-formação e a valorização profissional que daí advém. Penso que são sempre benefícios que se trazem ao nível da orientação do estágio.

**[G] – Teve daí algum reconhecimento por parte da instituição (da escola) pelo facto de ser orientadora de estágio?**

[T] – Da minha escola ao nível do grupo disciplinar, eles de facto têm algum reconhecimento porque quando há necessidade de saber algo mais novo ou diferente, eles recorrem à orientadora de estágio ou ao núcleo de estágio, para saber, para ajudar na dinamização. Embora haja uma cumplicidade grande entre os núcleos de estágio que têm passado por ali e o grupo de Educação Física. Relativamente à instituição Escola/Escola, não há grandes diferenças, nem valorização nem desvalorização, o professor é tido enquanto professor e responsável pelas suas turmas, não mais nem menos valorizado por ser

orientador de estágio.

**[G] – Agora a pergunta final...Qual é o balanço que faz de ser orientadora de estágio?**

[T] – É um balanço francamente positivo por todas estas razões, porque de facto eu aprendo com os estagiários, também desenvolvo a capacidade crítica e reflexiva, a capacidade de observação, que são capacidades que no fundo, ficam um pouco adormecidas por todo o processo de dar aulas, mais ou menos rotineiro. Não é sempre rotineiro porque os alunos são sempre diferentes e portanto temos de estar sempre em permanente alerta e mudança. No fundo, há sempre alguma repetição de determinados aspectos... Como para orientar os estagiários nós temos que no fundo, desmontar todo o processo, isto também nos ajuda a ver sempre o processo de prismas diferentes e a tentar criar sempre coisas novas. Portanto, isto, é sempre uma mais valia no nosso crescimento, na nossa formação e acho que é sempre um balanço positivo em relação àquilo que vou adquirindo.

**[G] – É para continuar, então?**

[T] – Para já, é para continuar...

**[G] – Pronto...Vou agora fazer a validação da entrevista...Há algum aspecto que queira referir, que ache que não foi abordado?**

[T] – Penso que em termos do propósito do trabalho, todos os aspectos foram abordados...Algumas questões de facto, colidem umas com as outras mas é inevitável, porque o próprio processo é um processo interligado, não se consegue compartimentar o processo de estágio. Difícil vai ser depois trabalhá-lo...

**[G] – Qual a sua opinião da entrevista ou do trabalho que se pretende efectuar?**

[T] – Eu penso que é pertinente e penso que é sempre bom porque as questões da orientação de estágio não estão ainda tão estudadas quanto isso.

**[G] –Principalmente ligadas à supervisão, não é?**

[T] – Ligadas à supervisão e perceber-se, no fundo, que há uma certa necessidade de haver uma especificação do que é ser supervisor e o que leva a ser supervisor...Não é qualquer pessoa, qualquer professor que vai ser orientador de estágio porque isso implica ter características específicas. Portanto todas estas questões de estudo que são muito recentes, acho são muito pertinentes e acho bem que na faculdade também se invista na área pedagógica que é muito, muito importante. Portanto, acho que é excelente conseguir haver trabalhos de monografia ligados a estas áreas. Os meus parabéns...

**[G] – Obrigada...E, agora uma pergunta para fechar a entrevista...Se tem alguma sugestão a fazer? Ou relativamente ao estágio, nomeadamente à parte da orientação ou alguma coisa que queira referir...**

[T] – Enquanto que a faculdade tem feito alguma tentativa de haver alguma compensação ao nível da escola que tem professores estagiários, ou dos próprios orientadores, como no ministério deixa-se

tudo ao cargo das faculdades e as faculdades não têm verbas suficientes para nada, torna-se difícil dizer que de facto, uma mais valia pedir ajudas de custo porque às vezes as coisas tornam-se complicadas. Basta que, ser orientador de estágio impede-nos de fazer qualquer outra actividade extra e portanto nem qualquer profissão, quando há isenção de horário e exclusividade, há uma remuneração extra. Isto é legítimo. A motivação não é pela via económica mas isso é um factor preponderante nas decisões. Penso que era importante haver especificação de funções... Quem é orientador de estágio e quem não é... Neste momento, já não vão ser orientadores de estágio mas professores cooperantes da faculdade e como professores cooperantes da faculdade seria de se pensar, à semelhança de outras faculdades, que já o fazem, como o ISMAE por exemplo, mas que são particulares. Penso que deveria haver essa compensação.

**[G] – Pronto, está concluída a entrevista...Agradeço uma vez mais a sua colaboração...Acha que a entrevista foi um bocadinho exaustiva?**

**[T] –** Não, penso que não...Acho que está bom...

## **ENTREVISTA A E2**

**Gonçalo [G] – Boa tarde, chegou a falar com a professora Paula Batista sobre o motivo?**

**E2 [L] –** Não. Ela deu-me só a indicação...

**[G] –** Exacto. Então... Isto é sobre o meu trabalho monográfico e é sobre as razões que levam um professor a ocupar as funções de orientador de estágio. Depois de uma reunião com a professora Paula Batista chegámos à conclusão de que não há muita coisa sobre isso e daí que tenhamos achado pertinente saber, embora possa parecer uma coisa muito simples, por vezes as razões nuncasão as mesmas.

**[L] –** Claro. Chegaste a ver a Tese de Doutoramento do professor Albuquerque?

**[G] –** Aliás é uma das minhas referências que tenho...A entrevista tem quatro partes: Primeiro são os dados pessoais, depois o processo na orientação de estágio, quais são as razões que levam um professor a ser orientador de estágio, que é onde vou dar mais ênfase e depois são os contributos no estágio. Vou começar por lhe perguntar se, tem algum problema em que a entrevista seja gravada?

**[L] –** Não.

**[G] –** Pronto. Há alguma coisa que não tenha sido clara sobre a entrevista?

**[L] –** Não. Tudo bem...

**[G] –** Pronto. Vou então começar pelos dados pessoais, que são muito básicos. A idade e o sexo.

**[L] –** Sexo masculino e 46 anos.

**[G] – Há quanto tempo é orientador de estágio?**

**[L] – Oito...** Para aí há dez anos...Não te dou a certeza absoluta, mas há volta de dez anos.

**[G] – Orientou estágio em alguma outra instituição?**

**[L] –** No ISMAI.

**[G] – Adoptou algum outro modelo de estágio ou tem conhecimento de outro modelo de estágio?**

**[L] –** O modelo de estágio é semelhante ou relativamente semelhante.

**[G] – Experiência profissional, a nível geral.**

**[L] –** Tenho duas areas, que é a área do desporto e da educação física, a nível de escola, passei desde desporto escolar, pronto tudo isso...E tenho outra área que é a de recuperação funcional, portanto lesões, etc, que sou obrigado à massagem de recuperação funcional portanto, mas também na formação...Ensinar a massagem, etc...São essas duas áreas.

**[G] – Alguma ocupação para além da de professor?**

**[L] –** Formador na area da massagem. Também fiz osteopatia, mas isso tem haver com a recuperação.

**[G] – Vivência e prática desportiva?**

**[L] –** Olha nunca tive uma modalidade...Pratiquei Karaté, mas nunca tive uma modalidade desportiva específica embora na faculdade, na altura tenha feito a opção pela ginástica artística, portanto na altura era a ginástica desportiva masculina. Foi essa a opção que fiz.

**[G] – Ok...E neste momento a situação profissional?**

**[L] –** Sou professor efectivo na Escola Secundária Filipa de Vilhena.

**[G] – Já trabalhou com mais supervisores, para além da professora Paula Batista?**

**[L] –** Já. Trabalhei com o professor Alberto Albuquerque, trabalhei com a professora Zélia, trabalhei com a professora...Não me lembro do nome...Trabalhei com três/quatro e depois com um supervisor do ISMAI. Depois se me lembrar, digo o nome...

**[G] – Isto foram os dados pessoais e agora vamos passar à entrevista propriamente dita. Que é o processo de orientação de estágio. O que é ser orientador de estágio? Em termos de funções, papéis, exigências?**

**[L] –** Olha, em primeiro lugar é um desafio para mim. Eu sempre digo aos estagiários, no início do ano, que quando começo por ser orientador de estágio...Eu, ou serei orientador de estágio, primeiro enquanto a escola permitir embora este ano não tenha permitido...Este ano, não vá permitir, não vou ser orientador, porque a escola está em obras e portanto não há estágio para ninguém...Espero para o ano

retomar...mas enquanto eu aprender alguma coisa com o estágio, é um desafio para continuar a ser orientador de estágio...se não aprender nada, acho que não vale a pena. Porque a ideia é, conhecimento científico ou pessoal que vá para estágio, tem obrigação de saber mais à partida e a ideia é tentar adaptar o conhecimento científico, ao nível das didácticas, específicas, das várias áreas e do conhecimento global que o curso permite e, tentar metê-lo na escola, adaptá-lo à escola. Muitas vezes, "Oh pá! Não vás por aí, porque isso não vai dar resultado!". No fundo, é transmitir a minha experiência enquanto profissional na escola, adaptada a alguém que vem, às tantas, com ideias muito ambiciosas e chega à escola e se depara com uma realidade muito diferente. Mas acima de tudo, é o desafio de poder contactar com pessoas diferentes, de uma tentativa de me manter actualizado a nível de conhecimentos e ao mesmo tempo, transmitir a minha experiência e é exactamente isso que vejo como orientador...O orientar, não mandar. É assim que eu acho que deve ser feito, o que é completamente diferente, do "É assim que vai ser feito!". É tentar transmitir a experiência concreta de quem está na escola, para alguém chega lá e para quem é tudo novo. Basicamente, é isso.

**[G] – Quais foram os episódios mais marcantes na sua experiência de orientação de estágio?**

[L] – Episódios marcantes...Olha...

**[G] – Pela positiva ou pela negativa...**

[L] – Sim... De uma maneira geral, notar que o pessoal cada vez mais aparece com menor capacidade de estar na prática, é muito mais teórico e menos prático, isso por um lado. Por outro lado, experiências diferentes, que são completamente distintas... Ter 2, 3 ou 4 estagiários. O processo do estágio é completamente distinto. Porquê? Porque eu prefiro ter três estagiários...Porquê? Porque três estagiários, é raro aquele, que também já aconteceu, que fica isolado. Se forem quatro, normalmente ou quase de certeza absoluta, são sempre dois mais dois. Ok? Três, isso é mais difícil acontecer, embora tenha tido 2 anos em que isso aconteceu, era um mais dois. Ok? E passei já pela experiência de ter só rapazes, só raparigas, rapazes ou raparigas, portanto dois rapazes e uma rapariga, duas raparigas e um rapaz, e de longe é, como episódios marcantes, não vejo distinção de género nesse aspecto, que seja diferente o trabalho, agora... O que é nítido é que, a grande diferença que vejo é, eu sou pessoa de trabalhar com três, agora com dois nunca trabalhei mas normalmente esse problema nunca se põe, porque são dois e ponto final, as coisas têm de se fazer e não é só um que faz. Em princípio, não é só um que faz. Com quatro, foi de facto, um excelente núcleo de estágio que tive, é muito mais trabalhoso mas ao mesmo tempo, acaba por haver uma junção de dois mais dois, mas no entanto foi um excelente núcleo de estágio.

**[G] – Onde é que sente mais apto no processo de orientação?**

[L] – Podia especificar mais um bocadinho?

**[G] – Pergunto-lhe já, onde sente mais dificuldades e onde se sente mais à vontade em todo o processo de orientação de estágio? Em que áreas e onde se sente menos à vontade? Em termos de comunicação, em termos de relação...**

[L] – Normalmente, a nível de relação não tenho problemas. Eu, utilizo este processo... Eu, exactamente porque acho que devo orientar, eu nunca dou receitas. Isso, às vezes, cria algumas

dificuldades. Depois, “ Olha..Achas que deves fazer assim? Vamos experimentar...”, à partida não sei se concordo mas “Vamos experimentar...” e depois, ou dá resultado ou não dá. E, às vezes, essa mensagem, não é ser bem recebida, é não ser bem entendida. Às vezes, outra área onde eu tenho alguma dificuldade, nitidamente, é quando as coisas não estão a correr conforme eu quero que corram, eu não digo, normalmente, directamente. Dou a entender que há ali lacunas e dou feedbacks mas não os digo directamente. É uma maneira de estar, quer dizer, eu sou assim. Eventualmente é uma crítica que me fazem, muitas vezes no fim do ano, que eu costumo juntar-me com os estagiários depois de saírem as notas, e eles também me atribuem uma nota, mas isso é antes de saírem as notas e fica num envelope fechado...É aberto depois... E é exactamente esse feedback que eu quero ouvir da parte deles. E o que é frequente ouvir, é exactamente eu não ser tão explícito...” Isto não está a correr bem...” ou “Isto está a correr bem...”, eu não digo isso. Digo: “Estou satisfeito.” ou “ Eu gostava que vocês dessem mais atenção a esta área porque acho que podiam ir um bocadinho melhor...”. Quer dizer, não digo: “ Não está a correr bem!Têm de fazer de maneira diferente.”. Digo: “Vejam esta área, para ver se é possível melhorar...”. Percebe? É mais nesse sentido. Essa, é uma dificuldade e é a minha responsabilidade. De um modo geral, a nível relacional, não tenho problemas. A nível científico, vou mantendo-me actualizado e a nível de integração do pessoal de estágio na escola, também até hoje, não tenho tido problemas. Às vezes, há grupos que se integram com mais facilidade e outros, com menos facilidade. Isso, também depende muito das pessoas.

**[G] – Depois também há discriminação...**

**[L]** – Que é uma das coisas boas, outra das coisas boas que a escola felizmente tem, ali não há discriminações.Quem vai para lá, é professor. Embora, o estatuto de orientador seja completamente distinto, vocês... Há uma colaboração com a faculdade, vocês não têm nada haver com a escola oficialmente, é um protocolo apenas... Funciona através de um protocolo mas mesmo assim, há a preocupação de fazer com que... E a escola nesse aspecto funciona bem... De fazer sentir os estagiários, que eles são professores. Não são estagiários e isso também lhes cria outras responsabilidades. Uma coisa é ir lá dar um recado e vir embora, outra coisa é sentirem que fazem parte da escola. Portanto, acho que isso é uma das facilidades que tenho conseguido manter.

**[G] – Quais são as diferenças que encontra na condução do estágio, comparativamente ao primeiro ano em que foi orientador?**

**[L]** – Ui...Completamente distinto. Olha, quando eu comecei a orientar estágio, eu tinha duas turmas, os estagiários tinham duas turmas e eram remunerados por essas duas turmas. Portanto, eu orientava, mas os responsáveis por essas turmas eram alunos. Por aquelas duas turmas... Embora eu orientasse e tivesse a minha quota-parte de responsabilidade. A situação evoluiu para a situação actual em que, os estagiários não são remunerados. Os estagiários não sendo remunerados também implica que nós tenhamos de ter alguma abertura, porque ninguém aqui anda a querer dar cabo da vida a ninguém e eventualmente, se o estagiário tem uma actividade remunerada, tenta-se conciliar de maneira que não prejudique o estágio mas também, a actividade não seja prejudicada portanto, há abertura nesse sentido... E o responsável da turma sou sempre, eu. Portanto, a turma é minha. Isto aqui, tem várias cambiantes...Se por um lado, é bomo estagiário saber que a turma era sua e era responsável por ela, também lhe dava mais responsabilidade, o que vai acontecer nesta situação é que, pode agora que o estagiário sabendo que... O objectivo desta casa, nesse aspecto, é diferente das outras escolas... É tentar que cada estagiário fique responsável por uma turma e que sinta que é ele o responsável. Mas é diferente

do que, saber que é mesmo ele, o responsável, ok? Tem-se conseguido, lá na escola e ao nível do estágio, que os próprios alunos vejam no professor estagiário, o professor da turma. Portanto, isso também é importante, porque senão há ali uma desautorização, não é? E, portanto, tem-se conseguido isso, e nesse aspecto não se tem perdido muito, embora saibam que está lá o orientador, que está sempre presente, que eventualmente ele não é o responsável principal. É o estagiário. Mas acaba por...Estratégias que nós adoptamos... Muitas vezes, acabam por me fazerem uma pergunta, e eu digo: "Esclarece com o professor!". E não é:" Esclarece com o professor estagiário!". É "Esclarece com o professor!", "Esclarece com o teu professor". E é uma maneira de evitar que isto se transforme na parte em que o aluno olha para o estagiário, como estagiário e não como professor, percebe? Desde, o ser remunerado e ser responsável por duas turmas até agora, nem sequer fazer parte da escola, embora se tente que faça parte da escola portanto, a diferença foi isso...E portanto, perdeu qualidade o estágio, porque quando o estagiário é remunerado e tem duas turmas atribuídas, pode-se exigir que não tenha outras coisas por fora. Portanto, é necessário é remunerar, ou era remunerar, portanto, para se dedicar naquele ano lectivo à escola.O que não acontece agora. Por outro lado, neste momento, o estagiário eventualmente, passa... É responsável por uma turma, vê as outras turmas a funcionar, doutros estagiários e doutros professores... Comigo funciona assim... Normalmente, vão sempre assistir a aulas dos outros professores da escola mas, no processo de estágio têm de ver "x" aulas de cada colega, não é? Pronto...Mas é responsável por aquela, que é completamente diferente do que ter, por exemplo, dois níveis completamente distintos, como por exemplo, ter um 7º e um 10º, um 7º ou um 8º e um 12º, portanto a nível de riqueza de formação, é completamente distinto porque fica só com um nível. Uma coisa é ter que actuar ou ter que resolver os problemas com idades distintas, outra coisa é só ter uma turma e é aquela facha etária que tem que resolver... Do que ter miúdos do 12º e miúdos do 7º...É completamente distinto, quer dizer, a nível de estágio, perdeu muito.

**[G] – Isto é uma pergunta que está interligada com uma que já fiz. Mas como fiz aos outros entrevistados, não vou poder deixar de fazer... Qual é o aspecto que mais valoriza na sua actuação como orientador relativamente à formação do estagiário? A nível de características pessoais e influência que possa provocar...**

**[L]** – Em primeiro lugar, acima de tudo o que tenho a transmitir é a minha experiência e mostrar a experiência de outros colegas na escola. Acima de tudo, acho que é isso o mais importante. Depois, além dessa característica, eventualmente quero que eles tenham a noção do que é estar numa escola. Uma coisa é estar lá e dar umas aulas e, outra coisa, é viver a escola. Portanto implica estar lá mais algum tempo. Inclusivamente, tenho uma estratégia que é, por exemplo, eu raramente reúno ou nunca reúno num sítio isolado com os estagiários. Tentei sempre fazê-lo ou na sala dos professores ou num gabinete externo... Inclusivamente, tenho uma estratégia que é, por exemplo, eu nunca reúno ou raramente reúno num sítio isolado com os estagiários. Tentei sempre fazê-lo ou na sala dos professores ou num gabinete com mais gente exactamente não só para os estagiários se sentirem mais integrados, para verem o trabalho dos estagiários e ao mesmo tempo obrigar os estagiários a relacionarem-se também com as outras pessoas. Depois, a nível mais específico de aulas, tento que cada estagiário valorize a sua área mais forte, a nível desportivo. Por exemplo, a turma com quem vai funcionar, é uma turma que fez determinadas opções, isto no caso do secundário e, eventualmente, temos um estagiário que é muito bom, sei lá.. na área de Râguebi... É uma das maneiras de ele poder mostrar a área mais forte dele. Não é? E se é uma área forte dele, provavelmente também vou aprender alguma coisa ou mais alguma coisa. Portanto, também tento aproveitar isso, existe aqui uma relação...Tento aproveitar isso... E já apareceu de

tudo...Desde orientação, desde Râguebi, desde as Aeróbicas, desde Futebol, já apareceu disso tudo. Depois, outra coisa que tento resolver ou tento ajudar a resolver é aquele problema, que também se põe em termos da faculdade, e não há necessidade de ser dito...que são aquelas áreas que normalmente são sempre leccionadas na escola e não são abordadas na faculdade. Designadamente, por exemplo o Badminton, que é uma área que normalmente todas as turmas acabam por ter. Felizmente, como tenho alguma capacidade e alguma formação nessa área, tento resolver esse problema...Com informação, e vamo-nos encontrando algumas vezes para resolver esse tipo de problema.

**[G] – Que foi o que aconteceu em quase todas as escolas. Por acaso, tenho um colega meu que fez uma monografia sobre isso...Sobre actividades não leccionadas na faculdade e posteriormente teriam de ser leccionadas na escola. Pronto, agora vamos às razões para ser orientador de estágio... São três perguntas: O antes, o durante e o depois, basicamente. Pronto...O que o levou a ser orientador de estágio?**

**[L]** – Olha, acima de tudo, primeiro um desafio... Foi o que eu disse... Um estágio, para mim é sempre um desafio. São pessoas diferentes e de certa maneira já te respondi a isto no início. O antes foi, eu ter estado numa escola onde contactei com um núcleo de estágio durante cinco anos e depois ir para uma escola que ia arrancar com um estágio... E arrancou com o estágio e não era eu... E depois arrancámos com... Foi uma altura em que tivemos os dois núcleos da faculdade e núcleos do ISMAI e portanto ia arrancar com o ISMAI e depois arranquei com a faculdade, depois trocámos, etc... Portanto a ideia foi haver núcleos de estágio a funcionar durante cinco anos, por considerar, para todos os efeitos, uma mais valia para a escola porque trazem sempre algo de novo à escola, o que é sempre uma mais valia para o grupo e portanto, de um modo geral, para a escola. E portanto ter algum receio... Obviamente, se me perguntarem:" O primeiro ano que orientou um estágio é...foi semelhante a este?", não. Por características do próprio estágio, de maneira de estar e uma evolução, como é evidente. Agora, foi acima de tudo um desafio ser uma área que...Para o qual...Que me dizia alguma coisa, ter vontade de também passar por essa experiência...E ao passar por essa experiência, comecei a gostar...Olhe e [...] ... e foi aparecendo essa hipótese e portanto olhe...fui aproveitando e acho que acabou por ser uma mais valia.

**[G] – Portanto...O que o leva a permanecer também...**

**[L]** – Leva a permanecer, quer dizer...Lá está...Enquanto for um desafio, enquanto eu aprender alguma coisa e se me deixarem, obviamente que continuo.

**[G] – E o que o poderia levar a desistir de ser orientador de estágio?**

**[L]** – Boa pergunta! Olha... A resposta logo e em primeiro, é deixar de ser um desafio. É não aprender, não me trazer nada de novo. Depois, eventualmente, uma situação que, às tantas, os problemas criados fossem de tal ordem que implicassem, eventualmente, diz-se:"Não. Estou a ser burro! O melhor é parar com isto!". Porque o estágio, contrariamente ao que alguns possam pensar, que nunca passaram por orientação, o estágio para o orientador também é extremamente trabalhoso e às vezes apetece ter um ano normal. Com as suas turmas, etc... Fazer um ano normal e depois, eventualmente, recomeçar. Nisto, não era deixar de ser orientador, era eventualmente fazer uma pausa, ok? Que é diferente... Se puseres as coisas..."Deixar mesmo de ser orientador..." É porque deixou de ser um desafio, porque por algum motivo deixou de ser cativante ou qualquer coisa do género...

**[G] – Claro! Pronto... Agora vamos para os contributos do estágio... Já me disse em termos profissionais e formativos , penso eu... Processo de orientação e [...].**

**[L] –** E há os pessoais, também...

**[G] – Sim. Já me disse [...] mas mais, se calhar, em termos pessoais...A nível de conhecimento da escola, se há conhecimento da escola ou se não há, pelo facto de ser orientador de estágio...**

**[L] –** Não posso negar que há reconhecimento da escola, por que não havendo... Eu fiz parte de um grupo em que a escola era contra haver estágios... porque isso tinha outras implicações, não vale a pena para aqui... Mas muitos grupos não queriam ter estágios, porque isso iria provocar alterações nos horários, alterar os horários... Começa por aí... Eu sempre fui daqueles que achei que o estágio era uma mais valia para a escola e depois do estágio ter começado, as pessoas acabaram por reconhecer... aliás, o primeiro grupo de estágio foi o de Educação Física, depois o de Informática, depois com estas alterações já há cinco ou seis núcleos de estágio. Ciências, Físico-Química, pronto... Português...Matemática... Há vários núcleos de estágio e não posso negar que isso trouxe algum reconhecimento a nível pessoal e ao nível da escola, por que é o orientador de estágio... Que cria algumas responsabilidades também.Mas isso traz também, sem dúvida.

**[G] – De alguma maneira, adoptou os estágios como uma maneira de quebrar rotinas, de...**

**[L] –** Sim, sim, sim... Eu, há bocado, quando me queixava que, eventualmente era capaz de ser bom parar um ano para ter um ano normal, com as turmas normalinhas, [...] sem me preocupar com as turmas dos outros e orientar, o inverso também é verdade...e é isso que é mais cativante. Quero dizer, é estar a dizer os proximos que chegam, o ir aconselhando, o estar a ler documentos, o corrigir documentos, quero dizer...Isso também é cativante. Se assim não fosse nem sei como era possível ser orientador, não é?

**[G] – Claro...Então, a última pergunta é, que [...]...Qual é o balanço global que faz de ser orientador de estágio?**

**[L] –** Ai...É francamente positivo.

**[G] – Francamente positivo...**

**[L] –** É francamente positivo, com muitos direitos que se perderam ao longo dos anos, deste processo todo...

**[G] – Mesmo assim?**

**[L] –** Mas, mesmo assim, continuo a fazer um balanço positivo.

**[G] – Recomenda-se?**

**[L] –** É algo...Recomenda-se...É algo que, é preciso ter algum perfil para ser orientador de estágio, mas que quem aceita o desafio, acaba por se integrar, pronto...acaba por gostar...Claro que, todos os anos, há pessoas com relações interpessoais...Quero dizer, pessoas mais difíceis, pessoas mais

fáceis... Há pessoal que é um doce, há pessoal que é uma besta mas, é exactamente desta miscelânea também, que... Se me aparecessem só bestas durante dois, três, quatro anos, era capaz de ser motivo, eventualmente para querer parar... Mas não tem sido isso que acontece, quero dizer... Uma das críticas que eu faço, é que vejo o pessoal ter cada vez mais, um menor domínio dos conteúdos específicos da matéria de ensino, portanto a nível das didácticas específicas... Isso, já disse no gabinete do coordenador mas não deixa de ser também aliciante... tentar dizer ao pessoal da unidade, “você aprenderam isto assim mas, falta isto, isto e isto...” É preciso investir nesta área também, para complementar e dar resposta a estas situações que me parece, lhes faltam. Essencialmente, é isso.

**[G] – Concorda que é preciso ter um perfil ou há um perfil específico para ser orientador?**

**[L]** – Tem haver com as relações pessoais, tem haver com [...] deste processo, porque se isto é considerado uma “seca”, é difícil... Portanto, acho que tem de haver um perfil, não só a nível das capacidades pessoais... Tem de gostar mas tem de ter a capacidade de transmitir, de expor as ideias, de discutir, de aceitar as ideias dos outros, de experimentar, isso está implicado também... Acho que tem de haver algum perfil que encaixe nestes parâmetros que eu acabei de dizer.

**[G] – Vou-lhe fazer uma pergunta que não está incluída na entrevista mas que os outros entrevistados comentaram... O que é que acha do orientador ser remunerado em algumas instituições e noutras não ser? Ou neste momento, não haver remuneração sequer...**

**[L]** – É uma desigualdade... É o mínimo que posso dizer... E tenho algum receio, que possa haver pessoal que sendo remunerado num lado, queira ir para o lado que é remunerado, como é evidente. Se eu posso desenvolver a minha actividade e ser também remunerado, não tenho a mínima dúvida que, eventualmente era algo que no mínimo se poderia considerar. Especialmente, hoje em dia, “toda a gente vive muito bem, toda a gente é rico...” [Ironia]. (Risos)

**[G] – Mas vê isso como uma... como uma condição “ce n’est pas none”?**

**[L]** – Não é condição “ce n’est pas none” mas se numa condição inicial sem vivências anteriores fosse colocado perante estas duas hipóteses... eu não tenho a mínima dúvida em responder, que claro que era o remunerado. Neste momento, reconheço que devo alguma coisa a esta “casa”, aprendi nesta casa, que tenho alguma coisa de dívida com esta casa e a ficar com dúvidas como é que faria... Provavelmente... Provavelmente era capaz de optar por ficar nesta casa. Mas que iria ser um dilema, considerar ganhar mais, não tenho a mínima dúvida, como é evidente.

**[G] – [ ...]**

**[L]** – [ ...] Lá está... Quero dizer... O processo de estágio é uma coisa, o que está associado a ele é outra. Portanto, e quando é para falar do processo de estágio, quero dizer... Isso nem me passa, nem me passou pela cabeça... E depois, também há outra coisa que também é importante, existe a variante de coordenador que tem vários supervisores... Aliás nestes dois últimos anos, aumentou muito... Obviamente, que eu sou suspeito, mas eu tenho trabalhado mais com a supervisora Paula Batista e temonos entendido lindamente. E, obviamente, que isso é uma influência positiva para querer continuar... Se me perguntarem, às tantas vais ser minimamente remunerado mas, lá está... Às tantas vou fazer coisas, nas quais que não me sinto tão à vontade e não te dás tão bem com o supervisor... É diferente se nós [...], como é evidente. Se me dissesse, aqui na casa, que em vez de trabalhar com a professora paula batista,

vais trabalhar com outro, que já trabalhei...Eram anos para isso... Mais um supervisor diferente e depois podia gostar ou não. Quero dizer, mas pelo que conheço, não tenho tido assim... Pelo que eu tenho ouvido, as pessoas não parecem incompetentes, nem a nível de relações que não funcionem bem, portanto... O que eu acho é que deve haver, mas isso já é outra história que se calhar é capaz de fugir ao âmbito desta entrevista, é que deve haver uma maior coordenação e uniformidade dos vários supervisores... São pessoas diferentes, podem ver as coisas de maneira diferente, mas tem que haver [...] em comum.

**[G] – Claro. Há ainda algum aspecto que queira referir?Isto agora, é a validação da entrevista. Algum aspecto que [...], nomeadamente alguma das razões para ser orientador de estágio...**

**[L]** – Não. Acho que... Eu, no fundo, o que acabei quase a dizer, é um bocado a conversa inicial... Portanto, os estagiários... quando somos apresentados e numa primeira reuniãozinha informal que fazemos, eu digo assim: “Eu sou assim, “assado”...”, etc... A única coisa que posso dizer, que eu costumo dizer aos meus estagiários...”Olhem,não estejam à espera que eu seja justo, eu tentei ser o menos injusto possível... E, se eventualmente vocês tivessem outra pessoa como orientador, não sei se ficavam a ganhar ou perder...”. Eventualmente, houve quem tivesse azar comigo, outros sorte... O que eu tento é ser o menos injusto possível porque que justo, eu sei que nunca sou não sou... (Risos)

**[G] – Qual é a sua opinião sobre a entrevista e sobre o tema trabalho que se pretende realizar?**

**[L]** – Acho que é pertinente, quero dizer... Eu já tinha passado por uma entrevista semelhante, quando foi para o doutoramento do Professor Albuquerque e nunca mais tinha ouvido falar nisto... Portanto, acho que é pertinente aprofundar este tipo de estudo.

**[G] – [...]**

**[L]** –Não...Quero dizer, se é dentro desta abrangência, a certa altura [...]senão acabas por te perder, acho eu...Isto é muito abrangente. É mais pela parte específica da matéria, é mais só pelas motivações,ou é só pela parte...Como foi dito à bocado, de haver conteúdos que não são abordados na faculdade e são sempre abordados na escola...Tenta limitar ,um bocado o âmbito de estudo, porque senão é muita coisa... Isso é quase uma tese de doutoramento...(Risos) Portanto, e vocês têm também menos tempo, não é?

**[G] – (Risos) Acabaram por nos alargar o prazo para dia 31 de Outubro, porque senão não tínhamos tempo...Foi por isso, que também acabei por mudar de tema... Folguei-me mais em termos de revisão bibliográfica porque...isto varia muito...Eu preciso de uma revisão bibliográfica alargada, no sentido em que eu preciso de responder a um certo número de coisas e eu preciso de algum apoio bibliográfico. Daí que eu seja...**

**[L]** – Se queres um conselho relativamente a bibliografia...Insiste nas entrevistas em termos da bibliografia, porque senão tudo o resto, vaistentar “mandar bitaites”... E é importante também, das entrevistas, deu nitidamente “isto, isto e isto”, não tem apoio bibliográfico ou quase não existe mas, os dados são “estes”.

**[G] – A própria monografia, vai-se cingir muito à discussão dos resultados e análise das entrevistas e não tanto à revisão bibliográfica.**

**[L] –**Pronto.

**[G] – Obrigada.**

### ***ENTREVISTA A E3***

**Gonçalo** - O tema da entrevista é sobre as razões que levam o professor a ser orientador de estágio. Tenho que lhe informar que vou gravar a entrevista e queria-lhe perguntar se há algum problema relativamente a isso?

**E3 (J)** - Não, não tenho a voz muita bonita, mas...

**G** - Oh mas isso, eu gosto de vozes roucas... (Risos)... Vou-lhe garantir a confidencialidade dos seus dados pessoais.

**J** - Tem de ser.

**G** - Queria-lhe agradecer, desde já, a sua disponibilidade.

**J** - Por amor de deus... o meu mestrado é a continuação do teu trabalho.

**G** - Ai é?... Pode ser que dê jeito (Risos)

**J** - Estou a fazer um estudo...

**G - A primeira coisa que lhe vou perguntar é a idade...**

**J** - Eu nasci em 64, tenho 45 anos... sexo feminino...

**G - Há quanto tempo é orientadora de estágio?**

**J** - Desde 2000.

**G** - Desde 2000...

**J** - É assim, eu em 85... em 1995 fui orientadora do ISMAI, um ano só...

**G - Exacto, era isso que eu ia perguntar...**

**J** - Do ISMAI, um ano...

**G** - Portanto, já orientou estágio no ISMAI

J - Um ano só, depois despedi-me...

**G - Já adoptou algum modelo de estágio que não o actual?... aliás o transacto...**

J - O do Ismai era muito diferente...

G - Ai era?

J - É assim, não tinha as regras todas definidas, não tinha tanto... não tinha tabelas, não tinha perfis, era um bocadinho mais anárquico, percebes? Pronto, no FCDEF... pronto, eu acho que nunca adoptei porque "cabia a cara". A adopção leva a que sejas tu... ouça, a haver uma imposição, percebes? Por isso, eu não gosto muito de trabalhar na corda e por isso deixei o ISMAI porque achei que não tinha... Penso que hoje em dia, eles já, com a entrada do professor Albuquerque e de algumas pessoas que vieram da FADEUP a coisa reajustou, percebes?... Mas muito cópia daquilo que nós fazemos no FCDEF. Depois, o meu ex-marido é professor na UTAD... o trabalho é muito diferente de nós mas trabalham com muita seriedade... Sei que na... em Lisboa tenho contacto com algumas pessoas que trabalham na flac??, não na fmh porque a FMH está-se a "marimbar" ("c\*g\*r") para o ensino... Pronto adoptei, realmente um diferente que é o do ISMAI mas foi mais uma imposição do que uma adopção porque... claro que nós orientadores temos que nos cingir pelas normas regulamentadoras de qualquer estágio curricular...

**G - Experiência profissional?**

J - Tenho 25 anos de serviço. Trabalho desde 86, licenciada em EF pelo ISEF do Porto. O meu curso foi de 83 a 88... fiz o estágio na Universidade do Minho, porque nós acabámos o 5ºano e eramos só licenciados em EF sem estágio integrado. Depois em 92 fiz estágio, com 16 horas lectivas e fui fazer as pedagógicas que já estavam feitas do nosso currículo do ISEF à Universidade do Minho. A UM pediu-nos os currículos, as cargas horárias do ISEF para nos facilitar, quer dizer facilitar nunca nos facilitou mas como não estavam para ter trabalho, percebes? Como viram que as pedagógicas estavam feitas, e que isto era uma incongruência, deu-nos a todos a nota de licenciatura, percebes? Não tínhamos trabalhos nem nada, tínhamos que ir às aulas...e estás a ver o que é estares a ter aulas com gente que não percebe a "ponta dum corno" de EF... ok, sociologia e não sei quê e não sei que mais....pronto, mas foi, assim, um estágio a fazer de conta... mas pronto, também já tinha 6 anos de serviço, só fiz um ano que só foi entregar os currículos e as cargas horárias do ISEF e...

G - Foi homologado...

J - Claro...

**G - Que actividade paralela têm para além de professora?**

J - Sou juíza internacional de ginástica artística feminina há 4 anos... sou juíza nacional de ginástica artística feminina desde 85... decidi iniciar com a professora Alda Corte Real, que foi minha professora na opção de ginástica artística e então passei a juíz nacional... e depois... acho que em 1990 fui fazer o primeiro curso internacional a madrid e... pronto tive uma nota bestial e fiquei até hoje como juíza internacional... sou "expert" em trave olímpica que é o aparelho onde nós cometemos menos erros, por isso... isto é como o "ranking" no golfe, é a mesma coisa... eu sou realmente a que cometo menos erros como juíza internacional na trave olímpica. também o aparelho que eu mais gosto... mais.... tive um ginásio na rua do Campo Alegre durante... de 89 a 95... foi muito giro nos primeiros anos porque realmente pus em prática aquilo que toda a a vida gostei de fazer...

**G** - Foi logo após acabar o curso...

**J** - Sim, eu gosto de uma coisa de cada vez... mas pronto, é evidente que a renda era caríssima, mas muito elevada, e pronto... e depois as pessoas naqueles meses de junho, julho e agosto não pagavam e aquilo era muito complicado de se gerir, percebes? A minha sócia era a Paula Vieira e é minha grande amiga, também de curso e pronto começaram os ginásios com muitas salas, com muitas coisas, muita tralha percebes, e realmente quem trabalha com alguma segurança em relação à saúde e ao escalão etário

corres o risco de ter pouco dinheiro porque, sabes como é... uma pessoa com uma turma de, por exemplo... teres alunas de 60 e teres alunas de 30 e de 20, é assim, ou és um gajo consciente e sabes que tens de fazer um trabalho individualizado, mas isso não dá dinheiro a quem manda num ginásio... eles estão se a marimbar, querem lá saber, querem é que tu te esfoles todo, que as pessoas se esfolem todas e saiam de lá todas contentes... têm algum acidente vascular ou alguma paragem cardíaca ou isso, é uma coisa que não lhes interessa. Nunca consegui trabalhar assim, por isso, vou ser toda a vida pobre porque acho que o mais importante, primeiro é o bem estar das pessoas. Se pudéssemos estar todos, e vou-te dizer uma coisa, acho que isto hoje em dia, quem trabalha num ginásio e é personal trainer tem que fazer um trabalho muito consciente porque a pessoa... cada um de nós é um ser diferente e o que faz bem a ti a mim pode-me não fazer tão bem. Óbvio que este trabalho de "olhómetro" também tem a ver com a nossa sensibilidade para a actividade física. E pronto, isto é uma leiga a falar porque não sou nada, simplesmente gosto do que faço, amo ser professora e acho que se voltasse atrás fazia exactamente a mesma coisa que fiz até agora, mesmo com estes constrangimentos de nós, professores de EF, sermos a malta de fato de treino, a malta da sapatilha, eu amo ser professora de EF. Acho que me está no sangue, acho que sou uma boa profissional com toda a modéstia. Adoro orientar estágio, adoro. Aprendo todos os anos imenso com todos os estagiários que trabalham pelas minhas mãos. Acho que vocês são pessoas muito bem preparadas para a vida, melhor do que nós, no nosso tempo, gente com tecnologias muito mais avançadas, pá, talvez no conhecimento científico a coisa seja exactamente parecida mas acho que vocês são inovadores, são criativos... e acho que às vezes comparo-vos aos meus filhos. Realmente, a minha Carlota tem 5 anos e nunca a ensinei a mexer nos computadores nem nos nintendos e parece que ela nasceu ensinada, percebes? E acho que é diferente, às vezes nos ensino e na criatividade vai muito lá... a forma como vocês já apresentam, a forma como vocês estão na vida... e vou-te dizer uma coisa, não me faz envelhecer, percebes? Porque todos os dias estou com vocês e aqui, então, é um trabalho mesmo muito sério, o trabalho que faço... quando não sei, não sei. Mas para mim tem sido...

**G** - Vivências de prática desportiva?

**J** - Fui bailarina, só. Bailarina clássica desde os meus 4 anos até aos 18, quando entrei para a faculdade, em Vila Real, por isso eu comecei com 6 e acabei, exactamente, com 18, vim para o Porto. Ainda fiz, fiz aulas no 1º ano no "treco"(???), só que o professor José Augusto fez-me uma fissura... fez não... contraíu para que eu fizesse uma fissura de esforço na tíbia porque nós íamos a correr até à Madalena e vínhamos e depois não consegui, não aguentei mais, morri pronto... e por isso... nós tínhamos aulas no CDUP e ele na altura era treinador do Salgueiros, quando o Salgueiros perdia a gente até rezava... mas gosto muito do professor José Augusto, acho um Homem fantástico, contra tudo aquilo... eu acho que ele é uma boa pessoa, 5 estrelas, pelo menos não tem vergonha de ser professor de EF....

**G - Já trabalhou com mais supervisores?**

**J** - Já. Com o professor Pina de Moraes e a professora Zélia.

**G** - Agora, a segunda parte da entrevista. Vai mais de encontro com o tema, que é sobre o processo de orientação de estágio.

**J** - Diz.

**G - O que é ser orientador de estágio?**

**J** - Eu sou mais pragmática do que emocional. Quando uma pessoa faz aquilo que ama, e quando tem orgulho naquilo que faz, pode parecer primário mas é assim... eu tento ensinar os meus estagiários a saber ser professor de EF. Consciente, correcto, um bom profissional, que tenha um desempenho ajustado e reajustado às turmas, aos níveis que vai ter na escola. Eu acho que sou, como orientadora de estágio, tirando a parte científica que é óbvio que aprendemos uns com os outros, mas pronto, acho que aí a bagagem que vocês trazem da faculdade é suficiente, aliás que também me formou a mim, mas penso que eu ajudo nesta disciplina, que é das mais importantes que a faculdade tem, que é estar no ensino, e o ter a prática pedagógica na escola, com uma turma só deles... porque é assim, aqui na escola os miúdos, os alunos, não sabem que eu sou professora da turma, porque eu nunca... eu sou orientadora de estágio. Há muitos que não sonham que eu sou professora de EF porque eu nunca intervenho, eu nunca interfiro, nunca interrompo uma aula para chamar aquele aluno... não, eu só vou às reuniões e nunca desautorizei um estagiário meu em tantos anos de serviço. Eu subscrevo tudo aquilo que os meus estagiários fazem porque, como é um trabalho contínuo, eu estou sempre por trás, por isso, eles quando vêm sabem que a turma é deles, o livro de ponto é deles, eles é que dão as missas, eles é que são os professores... estamos entendidos? Por isso... ser orientadora de estágio não é mais nem menos do que um professor cooperante que ajuda um estagiário, um professor estagiário, porque aluno estagiário não existe... um professor estagiário a vivenciar a prática pedagógica na escola com as condições e com o auxílio que cada um de nós considera importante o estagiário ter...

**G - Quais são os episódios mais marcantes como orientadora de estágio?**

**J** - O mais marcante? Oh pá, é assim...

**G** - Pode ser em termos de avaliação, relacionamento com os alunos, com o professor estagiário...

**J** - Não me induzas na resposta se faz favor, deixa-me pensar...

**G** - (Risos)

**J** - O momento mais marcante para mim, de todos... tenho alguns, pronto, tive... Maria, a mãe dela teve 7 paragens cardíacas e entrou em coma profundo... e ela fez o estágio... a Maria Manuela esteve comigo, penso eu, há um ano... sempre em coma profundo, nunca mais deixou de estar... eu podia-te citar aqui coisas maravilhosas que aconteceram nestes anos de orientação de estágio mas vou-te dizer assim... o que mais me marca é que no final é ver os meus estagiários, quando digo os meus é mesmo os meus, gostando ou não deles, às vezes não sei exactamente o que me atrai, entendes? Porque eu também sou... todos nós temos... isto é como uma matrícula de um carro... é assim, eu iniciei o meu ano lectivo, sempre, e os meus estagiários fazem parte da minha vida até se irem embora, por isso, estou sempre disponível para tudo. Repara, eles não são o espelho da minha dedicação, nem são o espelho daquilo que eu sou mas obviamente que... quer queiramos quer não fica trabalho meu, não é? Nem que durante pouco tempo, mas é assim, quem trabalha comigo sabe que eu sou exactamente aquilo que eu sou, por isso, no fim, quando acaba o estágio e quando e leio os relatórios finais deles fico sempre com

noção de missão cumprida, mesmo quando... vou-te dizer, tive sempre a sorte de ter tido estagiários brilhantes mesmo excelentes, mas também já tive estagiários menos bons, e quando eu digo menos bons eu trabalhei com o mesmo trabalho e a mesma dedicação, e penso que eles também mas não dão mais... quer dizer... agora quando... e não é por isso que fiquei menos contente porque sei que... o trabalho foi feito com qualidade, com muita qualidade, mas pronto não somos todos iguais e a excelência é só para alguns, por isso, o que me marca mesmo, para não estar a dizer que foi o Joca, o Manuel Campos, ou o Pedro Pereira, com o Cunha, quer dizer todos eles me marcaram... mas é assim, obviamente que me lembro de cada um deles. Neste preciso momento, eu tenho sempre 4 ou 3 estagiários por ano, todos diferentes, só que realmente quando acabo o ano lectivo, juro-te, o que me marca mais é sentir mesmo que a minha missão foi cumprida. Aquilo que a faculdade me pede, aquilo que a escola me pede, aquilo que eu sei que tenho que dar, o que os meus alunos e os meus estagiários pedem de mim, com toda a modéstia eu cumpro e, por isso, fico feliz. Obviamente, quando leio os relatórios de cada um não te vou dizer que não choro porque choro porque sinto que é sentido... é como se fosse uma pessoa muito emocional mas sou muito fria, sou muito directa... não tenho muitos amigos... tenho ligação directa do coração-boca... por isso mesmo, quando és uma pessoa muito directa... sou muito atenta, muito... muito, muito... às vezes as pessoas consideram-me... eu digo muitas vezes, o aspecto das pessoas não tem nada a ver com a competência... às vezes chegam aqui da faculdade e pensam que vão encontrar um orientador de estágio fato de treino "tactel" cheio de nódoas... sou exactamente o que eu era quando andava na faculdade... sou eu... e por isso fui aprendendo a ser orientadora de estágio, sempre com a ajuda imprescindível da Paula Batista, sempre. Ela é... das mulheres com maior nível de conhecimento... conheço muito poucas, provavelmente deve ser das melhores professores que tem na faculdade, para mim... é uma mulher que consegue fazer a ligação entre quase todas as áreas... e é uma grande amiga. Eu sem ela, provavelmente, não seria nunca orientadora de estágio, nunca dispensando a ajuda que os meus estagiários me dão, nunca... é com eles que estou todos os dias. Por isso, é assim, concluindo o que te estou a dizer, o que me marca mais é realmente o final, é o vê-los crescer.

**G - Onde é que se sente mais apta no processo de estágio? E onde é que sente mais dificuldades?**

**J** - É assim... eu costumo dizer muitas vezes, de mim só gosta quem me conhece bem e quem não me conhece bem não gosta mas, eu tenho uma capacidade grande de gerir e relacionar. Isso é parte mais fácil. Tudo o que tenha a ver com a área 3 ou e com a área 4 eu domino muito. Eu mexo a escola, eu transformo a escola, eu consigo manter um bom relacionamento com a comunidade escolar, com a comunidade extra-escola, por isso, câmara municipal, junta de freguesia, associação de pais, alunos, famílias, por isso, eu sou uma boa gestora de recursos humanos e de relações humanas, obvio que isso facilita o trabalho dos meus estagiários. Na parte parte científica, do planeamento, programação, Vickers e unidades, penso que sou como todos, fomos aprendendo não é? No meu tempo ninguém nos tinha ensinado quem era a Vickers... mas fui aprendendo e agora acho que faço com grande competência, e, repara, se a faculdade até hoje nunca pôs em causa os 17, 18 e 19 que eu dou é porque estão bem atribuídos. A maior dificuldade que eu tenho, realmente, é às vezes ser muito exigente com as mulheres, o que eu não acho correcto... sou sempre, tenho consciência disso e luto... eu sou muito mais exigente com as estagiárias do sexo feminino do que os do sexo masculino e tu vais-me dizer, porquê Júlia? Eu vou-te dizer porquê, as mulheres na europa votam há... (alguns) anos e, eu não sou feminista nem nunca fui mas somos todos diferentes, vocês homens e nós mulheres somos diferentes. Existe o estigma de a mulher ser menos... é um tabu que eu tenho, pronto um recalçamento e, então eu sou, tento ser tão competente que eu exijo isto das minhas estagiárias do sexo feminino. Enquanto que eu aos homens a

coisa vai rolando e nunca há este estigma, eu a elas raramente... eu assumo isto, juro-te...

**G** - É uma característica...

**J** - Não é uma característica, é um handicap...

**G - Quais as diferenças que encontra relativamente ao primeiro ano como orientadora?**

**J** - É assim, tudo é diferente. Menos experiência, menos despesas, menos sofrimento, a vontade de trabalhar igual, mas geralmente, menos domínio. É assim, como te digo, quando tu fazes o que gostas fazes com vontade, com empenho, com dedicação... mesmo que hajam falhas, essas falhas às vezes desaparecem porque a tua capacidade de trabalho é tão boa, a tua vontade de ensinar, mesmo cometendo erros, mas que são erros em que os miúdos notam tanta criatividade, tanto dinamismo... todos nós cometemos erros e, eu acho que a diferença de quando fui a primeira vez orientadora... se calhar hoje cometo mais erros do que cometia porque tinha o processo mais controlado, mais rígido... hoje não, hoje sou mais criativa, dou mais autonomia aos meus estagiários, sempre controlados, atenção, não consigo não ser directiva, não consigo. Eu sou uma directiva por excelência, mas ao mesmo tempo também deixo, sou democrática e deixo que eles... aceito perfeitamente que eles não vão pelo caminho que eu digo porque se o resultado for exactamente igual, o caminho que eles levaram... eu sou uma mulher democrática e deixo que eles corram riscos para perceberem que o aviso que eu fiz anteriormente tinha nexos. Às vezes é bom bater com a cabeça na parede, percebes? Desde que não cause grandes danos à turma, ao aluno, ao ensino até deixo que isso aconteça, entendes? Mas completamente... Entendes?

**G - Qual o aspecto que valoriza mais na sua actuação como orientadora, relativamente à formação do estagiário?**

**J** - É assim, o que eu mais valorizo, que para mim é a base de tudo, é o conhecimento, que vocês têm. Quando um estagiário chega aqui com uma bagagem de conhecimento boa é como os ingredientes para uma salada. Se o queijo mozzarella for bom, se os tomates forem bons, se o vinagre for bom, a salada fica 5 estrelas, mesmo que o cozinheiro não saiba fazer saladas, certo? O conhecimento científico pedagógico, e essa bagagem vocês trazem da faculdade... a partir daqui é um despoletar, entendes? E vocês vão buscar ao que está aí guardado tudo aquilo que aprenderam lá...

**G** - E a nível de características pessoais?

**J** - Sou muito honesta. Eu acho que sou muito honesta, sou muito verdadeira naquilo que digo, sou muito generosa com toda a gente, com os miúdos... Sou um bocadito dura no que digo, mas não sei ser doutra maneira. Acho que também sou justa, sou justa... vou-te dizer uma coisa, quando avaliámos o Pedro Cunha, o Paiva... foi uma altura meio complicada para mim, a minha mãe faleceu, faz quinta feira 3 anos, e eu recebi o Pedro Cunha, a Cláudio e o Paiva... o funeral da minha mãe foi dia 11 e a reunião geral foi dia 12 e eu, claro, não usufruí dos 5 dias de nojo a que tinha direito... eu gosto pouco de... a vida continua, eu quis encarar a morte de frente... só que os meus estagiários não tinham culpa nenhuma, nem a faculdade, nem o que eu tinha que fazer, por isso, eu vim trabalhar. E reparei com 3 miúdos, do lazer, dos "rapéis", das escaldas, das orientações, que não é a minha praia, mas não tem que ser... são malta muito criativo, muito originais, malta com muita qualidade... aprendi coisas novas... eles tinham uma maneira de estar tão diferente daquilo que eu achava que era correcto, que era mais correcta ou que achava mais lógico que... foi um ano muito interessante. No fundo, fez-me ver, Eh Júlia, o caminho pode ser outro, não precisamos ser todos directivos, não temos todos de gritar muito e esse ano eu dei três 19... a Paula Batista concordou... mas eu achava que o Pedro Cunha estava tão perto da excelência, do limiar de excelência que eu durante, para aí, uma semana não dormi... e só quando a Paula Batista,

depois conversámos muito... nós somos assim as duas, consegui-me tranquilizar porque um aluno de 20 é um aluno perfeito, sem erros, sem nada a apontar e, ali no Pedro via coisas, pequenas, mas que não era 20, mas lidei mal com isso, muito mal, porque, a justiça é uma coisa que me incomoda, percebes?... era um 19 diferente dos outros. Depois veio o Manuel Campos a seguir, que já vinha da ginástica, que tinha um perfil exactamente igual, quer dizer, foram pequenos, coisas tão pequenas... percebes? Se calhar fui injusta. Eu vou escrever o meu livro da memórias e eu vou dizer isto. É assim, o que eu acho que tenho de melhor, eu acho que sou uma pessoa aberta, democrática, acho que sou "QB" para com o estagiário, seja ele qual for, bom ou mau, com vontade ou não de trabalhar. Repara, quando vêm ter às minhas mãos, das duas uma, ou dá corda nas sapatilhas ou ficam a ver... digo sempre isto! Para eu me sentir tão bem naquilo que faço e conseguir dormir todas as noites tranquila e, quando naqueles anos lectivos esgotantes, sinto-me feliz... não se esquecem de mim, ligam-me e dizem "Oh Júlia, vamos beber um copo", "Vamos sair", "a Júlia está boa?", "Como é que é? Vamos lá, levante a cabeça"... não é à toa... isso quer dizer alguma coisa, por isso, o que é que será? Incompêntica? Exigência exacerbada? Politicamente correcto mas pouca emoção? Pouco sentimento? Pouca empatia? Isso para mim não existe... eu sou assim, eu dou tudo e quero receber tudo. Mas acho que sou mais ou menos isso...

**G - Relativamente às razões para ser orientadora de estágio, o que a levou a ser orientadora?**

J - Não morrer burra...

**G - (Risos)... E o que a leva a permanecer?**

J - É mais aquilo que eu faço... eu gosto de ser professora de EF... eu gosto de ensinar o pouco que sei...

**G - E o que a levaria a desistir?**

J - Nada, nem a senhora ministra... Tudo o que nos tiraram?... Se eu não desisti até agora... só se a faculdade prescindir-se dos meus serviços! Estou aqui é porque eles querem... como é que se costuma dizer... "até que a voz me doa!" Quando a faculdade não me quiser... mas é lógico... eu estou aqui... orgulho-me imenso de ser professora de EF, muito e enquanto a faculdade precisar de mim, eu estou aqui.

**G - E a nível de contributos, o que é que acha que o processo de orientação lhe trouxe? Tanto a nível pessoal, formativo ou profissional.**

J - Profissional não me trouxe nada. Sou orientadora de estágio a tempo inteiro, antigamente ainda remuneravam, agora não dão nada. Sessenta euros, era o que nos davam por mês, nem isso nos dão agora, economicamente não me dá nada. Tive um desconto de 20% no meu mestrado, considero que, vem no protocolo, já é uma boa ajuda, mas não é por isso que eu sou orientadora. Não tem valor, o dinheiro para mim não vale nada, nunca valeu.

**G - Então não é um handicap, para si, o estágio não ser remunerado?**

J - Já não era antigamente. É assim, eu só sou orientadora de estágio porque eu gosto deste processo porque me faz bem, porque eu adoro, além de conviver com os alunos, eu acho que quando uma pessoa gosta de ser professora, poder aprender mais com os estagiários que vêm e poder ter esta relação quintúpla, entre os estagiários e eu e a faculdade, este não morrer, estar sempre aberta a tudo, a

tudo... eu acho que comecei a abrir os meus emails, a trabalhar com o pessoal a puxar por mim "Vá lá Júlia, ligue o computador..."... Aprendi muito com os estagiários todos que passaram por aqui. Eu acho que o que eles me devem a mim eu devo a eles agora. E é isto... devo muito à Paula, devo à "casa" que me criou, acho que nunca envergonhei a instituição que me formou. Por isso, acho que isto é um processo... acho que muito pouca coisa me levaria a desistir.

**G - A nível do reconhecimento da escola, acha que há algum reconhecimento, por parte da escola, por ser orientadora de estágio?**

**J -** É assim, a minha directora foi convidada para abrir, ou para fechar, as jornadas pedagógicas há três anos. Disse no palanque, em que estava o professor Bento, a professora Zélia, o Vice-Reitor da UP, a minha directora do conselho executivo... e ela disse alto, para aquela plateia toda que eu, Júlia Aparício, era o espelho da faculdade nesta escola. Para mim, naquele momento, foi um motivo de orgulho imenso porque eles vão ver, aqui na escola, o espelho da nossa faculdade. Eu sou orientadora de estágio, membro do conselho geral da escola, fui sempre membro da assembleia de escola, sou professora cooperante na junta de freguesia, fui professora coordenadora dos projectos na câmara... eu estou em todas sempre com a mesma dedicação...

**G - Qual é o balanço global que faz por ser orientadora de estágio? Se calhar estou a ser repetitivo...**

**J -** Não é repetitivo, é porque tens de responder a isso. O balanço, vou-te dizer uma coisa, eu estou aqui enquanto a faculdade precisar de mim. Eu estou aqui enquanto a FADEUP precisar de mim. Que me mandem sempre estagiários porque, aqui, eu vou morrer feliz. Percebes? O meu dia-a-dia na escola, a minha vida profissional, os estagiários... a mesma alegria, a mesma vontade de trabalhar, percebes? Por isso, é assim, não consigo ver, juro-te, não consigo fazer... já são tantos anos.

**G -** Já não dá para desligar.

**J -** Não consigo. Eu dou-te um exemplo, no ano em que o Manuel Campos foi meu estagiário, o Manuel foi ao campeonato do mundo e caiu duas vezes nas paralelas, na barra fixa! E perdeu a possibilidade de ir aos JO. Nesse ano... ter dinheiro para mim... não vai lá... é assim, eu vou-te dizer uma coisa, óbvio que quando tu sabes que os do ISMAI ganham 50 contos em recibo verde, 250 euros, não fico triste mas... não penso mais nisso. Eu não trabalho com a concorrência e nem quero sequer pôr em causa que há faculdades privadas que pagam aos orientadores pelo trabalho que desenvolvem. A mim pagam-me os estagiários, aprendo todos os dias, ensino todos os dias, ajudo, auxílio. As relações humanas que se criam com este processo são tão mais ricas que o dinheiro. Detesto economia, detesto "guita". O dinheiro, para mim, serve para poder usufruir dele, dar alegrias aos meus filhos e poder viver com alguma qualidade, só, percebes?

## ***ENTREVISTA A E4***

**Gonçalo -** A entrevista é sobre as razões que levam o professor a adoptar a função de orientador de estágio. Quería agradecer, desde já, a sua disponibilidade.

**E4 (A) -** Quer saber quais são as razões que me levam a...

G - Sim, sim...mas isto tem um guião de entrevista.

A - Sim, sim, muito bem.

**G- Queria saber se desejava saber alguma coisa sobre o projecto, algo mais.**

A- Não, quer dizer, se quiseres dizer, dizes o que quiseres mas já percebi a ideia.

**G-** ... praticamente é isto, é para saber quais são as razões que levam o professor a adoptar a orientação de estágio. A primeira ideia foi, realmente, o que é que move estes professores a adoptar a função de orientador. E a professora Paula, não há muito bibliografia sobre isto, não há, há nomeadamente o professor Albuquerque que é da FMH mas não se encontra muito mais, depois há Isabel Alarcão, etc. Mas isso tem mais conceito...é, não se baseia nas razões que levam o professor a ser orientador em si...depois aqueles processos de orientação de estágio, os modelos de estágio, então, a minha revisão bibliográfica acaba por ser um bocado, suportado pela Isabel Alarcão e o professor Albuquerque, etc. Mas a minha progressão... sei que vai ser muito à volta de coisas que estão... ligadas com isso. Não há nada que...por exemplo, não encontrei nada e sei que, por exemplo, os orientadores do ISMAI preferem que, acho que são 150 euros, se não estou em erro, por serem professores orientadores pelo ISMAI... e também sei que os da FADEUP não são... E a professora, uma das coisas que a professora Paula Batista me perguntou é "o que vais fazer", "porque é que se os do ISMAI realmente estão motivados por estar a receber algum dinheiro e por exemplo os da FADEUP não estão"! Para saber no que é que isso varia. O que é que os leva a continuar, qual foi a primeira coisa que os fez a... que levou a...

A- Estou a perceber...

**G- Portanto, passou um bocado pelas razões, embora a entrevista esteja conduzida, primeiro numa parte de dados pessoais e percepção que se tem do estágio, o que é ser orientador.**

A- Ok...

**G- Então vou-lhe perguntar, há quanto tempo é orientador de estágio?**

A- 10 anos, são 10 anos, desde de 1999, 10 ou 11, eu acho que são 10.

**G- Pronto...Orientou estágio noutra instituição?**

A- Não, só aqui.

**G- Só na FADEUP. Se conhece ou adoptou ou modelo de estágio?**

A- Conhece ou adoptou outro modelo de estágio? Como assim? Não estou a perceber a pergunta.

**G-** Hm... Esta é uma pergunta que eu estou a fazer a todos os orientadores e eu também não tinha conhecimento que existia outro modelo de estágio, por exemplo, acho que o modelo de estágio mudou, certo, neste ano?

**A-** Mas o modelo...?... Há vários níveis de regulamentação, isso é regulamentação legislativa que vem do ministério da educação, depois há a apropriação desses regulamentos da Universidade, ou da Faculdade, outra coisa é a regulamentação a nível da escola. Portanto, o modelo, como direi, cada escola terá um modelo, desde que esse modelo esteja adequado às suas actividades, para baixo e para cima,

desde que obedeça às regras, como expliquei, de cima para baixo.

**G- Mas dentro da instituição, ou seja da faculdade, sempre adoptou o mesmo modelo...**

A- Ah não, isso não até porque o regulamento mudou , portanto isso é impossível. Portanto, já o outro regulamento... concorrem para essa mudança várias coisas. Uma coisa é ter aquilo como orientador, outra coisa é de natureza mais prática que é as orientações, nomeadamente, do regulador mais próximo que eu tenho que é a faculdade que foram evoluindo, foram mudando. Portanto, necessariamente, tiveram que mudar. Agora, se conheço outros modelos, eu falo muito com pessoas de outras estruturas que funcionam de forma diferente, nomeadamente de Lisboa, mas isso, integro isso como uma... são factores de aprendizagem...

**G- Experiência profissional?**

A- Sou titular numa escola secundária, tenho mestrado em Gestão Desportiva aqui também da faculdade. A minha licenciatura acabou em 90/91, primeiro ano de estágio integrado, que até aí não havia estágio integrado. Cargos ocupados: sou presidente do conselho geral transitório, neste momento da minha escola, já fui presidente da assembleia, já fui coordenador... delegado era o que se chamava na altura... acho que já fui tudo menos director da escola.

**G- Já me respondeu a duas perguntas que vêm a seguir que eram se tinha alguma actividade paralela, não sei se tem mais alguma...**

A- Quer dizer, eu dou algum apoio... eu já fui empresário durante muitos anos, fui sócio gerente duma empresa de organização de eventos desportivos, no fim da década de 90 e no início desta. Tenho, por isso, alguma experiência como empresário, quer como em tarefas de gestão... já tenho alguma dimensão a esse nível e, de uma forma oficiosa, prefiro chamr-lhe assim, eu dou apoio à gestão de um centro de fitness, de um ginásio, portanto... posso pomposamente chamar-me consultor, acho que é um bocado pomposo, pronto, mas a verdade é que eu dou alguma ajuda mais à distância que na proximidade... porque também não tenho tempo. Com o que eu faço agora na escola nem tenho disponibilidade para mais coisas. Penso que respondi...

**G- Exactamente. Situação profissional já me disse, podia dizer-me a escola?**

A- Escola Secundária de Alberto Sampaio.

G- Hmm... isto era o que devia aparecer no início que é a idade e o sexo. Sexo é masculino...

A- A idade é 43 anos.

**G- Pronto, passamos agora para o segundo bloco da entrevista que é relativamente ao processo de orientação de estágio. O que é para si ser orientador de estágio? A nível das funções...**

A- Bem, eu já tive aqui uma intervenção em que fui convidado, juntamente com faculdade, num congresso internacional e eu aproveitei para dizer que, para mim, estágio é integração, e basicamente é isso. No actual contexto, nestas questões nunca se podem dar respostas directas... uma realidade era quando o estágio... havia uma relação de causa-efeito entre um aluno fazer estágio e trabalhar para a escola. Agora, para se manterem níveis altos motivacionais têm que se criar outras coisas para além

disso porque, a realidade é esta, quem faz estágio neste momento tem noção que no ano a seguir não vai aplicar os conhecimentos, decorrentes do estágio, na escola. Portanto, estágio é integração, há a dissociação de funções, ou seja, tem que ficar claro desde a primeira hora que um orientador, para ser orientador, tem que exercer funções de orientação, é uma redundância mas é verdade, de ajuda na procura e no enquadramento dos objectivos que se perseguem, do cumprimento do regulamento, do processo... depois podia estar no meio disto tudo, e isto já são questões de natureza mais difícil de objectivar, que parece um bocado uma "la palissada" mas que no fundo é isto, é pôr cada um a dar o seu melhor. Ou seja, um conselho que dou a todos os estagiários, o que dou a toda a gente, nós na vida para sobrevivermos temos que nos esforçar naquilo que somos fraquinhos e enaltecer aquilo em que somos bons. Portanto é um bocado, interagir no sentido de potenciar tudo isto, portanto... eu quando digo integração, e quero sublinhar integração... um aluno estagiário tem que chegar à escola e tem que se integrar no departamento, na escola, e não pode ser numa lógica de monitoragem que eu não gosto, não posso isto é... a pessoa chegar lá e ter tarefas demasiado fechadas... não dar espaço de autonomia pedagógica para fazer coisas, e ser tipo, fazer recados, fazer aquilo e aquilo... eu não... acho que não tem piada... por isso é que eu falei de integração, por isso, o trabalho deve ser, mesmo as próprias tarefas comigo foi sempre assim, eles trabalharam com outros colegas do departamento no âmbito do departamento, não é aquela treta de haver dinâmica de núcleo, dinâmica de grupo só quando é possível fazer delas actividades promovidas pelo núcleo no seio do departamento. Não sei se me fiz entender, eu até gosto que eles trabalhem, que formem equipas com outros colegas sem eu estar presente, até porque há sempre, e pode haver, hegemonias, pode haver condicionalismos decorrentes da própria avaliação e portanto eu proponho certas condições de trabalho... não sei se respondi à questão...

**G- Sim, sim... Quais foram os episódios mais marcantes na sua experiência como orientador de estágio?**

A- Mais marcantes... olha, é assim, é muito difícil dizer o que é marcante, eu vou dizer alguns... o problema da classificação para mim é mais terrível, mas pronto isso é sempre angustiante estar... o que eu sei menos é de avaliação e tenho muitas dificuldades em assumir, não é nenhum drama mas é uma dificuldade. Já passei duas vezes neste curso... de dois estagiários terem ficado para trás, não terem conseguido concluir o critério de aproveitamento... de terem chumbado, pronto, indo directo ao assunto. Um deles, curiosamente, já que é uma coisa marcante, fez estágio comigo, chumbou, no ano seguinte voltou a concorrer para a minha escola e veio-me dizer que queria fazer estágio comigo porque quis limpar o nome, o ano passado chumbou e muito bem, este ano queria fazer o estágio outra vez no mesmo sítio porque a culpa não foi do orientador, foi dele e queria ver se conseguia concluir o estágio desta vez com sucesso. Foi engraçado porque teve sucesso no ano seguinte, portanto, esse foi um episódio engraçado. Agora, para mim o que é mais aliciante no meio disto tudo é o desafio de ter, ano após ano, lidar com pessoas que cultas, pessoas esclarecidas e que vão para a escola e isso para mim é desafiante, e esse desafio é que é o mais marcante, serão sempre as boas surpresas as más surpresas, no fundo é a vida no âmbito do desafio de lidar com cabeças que pensam por si, acho que são pessoas inteligentes e cultas, e portanto será isso, será esse desafio.

**G- Onde é que se sente mais apto no processo de orientação e onde é que sente mais dificuldades?**

A- Pronto, no processo de orientação... essa é uma pergunta difícil de responder. Mas é assim, pela minha experiência eu acho que consigo a "dinâmica de trabalho", acho que me sinto apto a fazer isso, fruto da minha experiência como já disse no início, quer no âmbito da gestão empresarial, quer nos

cargos todos que já ocupei, neste momento sou o presidente do conselho geral transitório da escola, portanto, estou habituado a negociar. Como estou habituado a negociar, isso para mim, acho que é muito interessante, passar todas essas questões inerentes à minha situação para o processo de condução nas premissas que já são, anteriormente, do processo de estágio... Portanto, criar, otimizar o rendimento de cada um, criar desafios ajustados, pôr as pessoas a darem o seu melhor... acho que tenho algum jeito, alguma qualidade para fazer isso. As questões das dificuldades, sinceramente, sem ser... passo em modéstia, eu não sou capaz de dizer que tenho uma dificuldade objectiva... provavelmente, para ser absolutamente honesto, na minha organização individual, mas isso é uma coisa que é comigo, que não passa para cá para fora. Pontualmente, poderá ter haver com aquilo que disse desde o início, onde tenho mais dificuldades, estou farto de fazer estudos a esse nível, e que tem a ver com a classificação. Neste caso não estou a falar dos estagiários mas tudo o que envolve, todas as tarefas, os processos de avaliação, principalmente da sumativa.

**G- Quais são as diferenças que encontra na orientação de estágio relativamente ao primeiro ano em que foi orientador?**

A- Uii... imensas... Para além de, já disse, conhecer o modelo, aqui na faculdade, o regulamento diferente do actual, no ano em que foi o primeiro como orientador de estágio, isto foi um desafio do meu delegado de grupo que me disse "Eh pah, é uma pena porque cá na escola temos condições, tu podias ser orientador de estágio..."... eu fui para orientador de estágio influenciado por os meus colegas de departamento que achavam que eu poderia, digamos, desempenhar bem a tarefa. No primeiro ano que eu orientei estágio, a única referência que eu tinha era o meu estágio, foi o primeiro... e por isso, eu acho que eu olhei, fiz uma retrospectiva, olhei para trás, olhei para a referência que foi a minha orientadora de então e havia coisas que eu achava, alguns aspectos que foram bem feitos e havia linhas dos outros que eu achava que não devia ser assim. Eu... tentei alterar os aqueles aspectos de corrosão do processo que achava que estavam errados e poderia ser melhor assim, e manter um ou outro. Só que pronto, quando cheguei ao fim do ano, olhei para trás e achei que tinha muitas coisas para resolver. Eu costumo dizer que demorei, só a partir do 5º ano é que comecei a achar que tinha estabilizado, estabilizado num tronco comum, num modelo próprio de actuação, de condução... pronto, demorei 4 anos a ter esta segurança de poder dizer "Pah, agora acho que já tenho umas luzes".

**G- Qual o aspecto que mais valoriza na sua actuação como orientador relativamente à formação dos estagiários? Uma característica pessoal sua...**

A- Um exemplo, pronto, para mim é assim, isto tem que ser uma verdade para ser interiorizada por toda a gente e devia ser repetida aqui na faculdade, que é dizer assim... uma coisa é o que nós dizemos o que se deve fazer, outra coisa é o que nós fazemos efectivamente, eu acho que pesa mais o que nós fazemos efectivamente. Quando eu noto que eu faço uma coisa e depois eu concretizo na prática, eu tenho a certeza absoluta que, eu tenho provas disso para o resto da vida, aquelas coisas que ou não consigo, não

consigo evidencia-la na prática, ou não tenho oportunidade, porque o processo não o permite, de eu evidenciar na prática aquilo que sustento, aí acho que é... com isto eu não quero dizer que eu não ache que não há nada melhor que uma boa teoria, uma boa teoria é muito prático, é muito prático ter uma boa teoria, não é isso que eu estou a dizer, o que eu estou a dizer é que é assim, acho que é fundamental o bom exemplo, eu não posso exigir pontualidade e depois não ser pontual, eu não posso exigir que o trato dos alunos deve ser assim e depois não faço isso... pronto, para mim isso é o alicerce fundamental. Estamos a falar do estágio pedagógico! Eu estou a falar do estágio pedagógico!

**G- Pronto, entretanto, vamos passar para o próximo bloco, que são relativamente às razões para ser orientador de estágio. O que o levou a ser orientador de estágio?**

A- Pronto, já respondi ao bocado, foi o desafio, e depois continuei porque todos os anos obriga-me a estar actualizado e desafiado e portanto, também porque eu gosto da interacção com este nível etário, eu gosto de comunicar, adoro debate, adoro que alguém tenha uma tese melhor que a minha e me obrigue... portanto, mantenho-me por causa disso.

**G- O que o leva a permanecer como orientador de estágio?**

A- As mesmas razões. Do ponto de vista da situação do conforto para o profissional está pior agora que há 6 anos atrás. Há 6 anos atrás tinha muito mais tempo livre, tinha muito menos que fazer, digamos assim. Tal como toda a classe docente, os orientadores também mudaram... ouve alterações e passou a ter mais trabalho e do ponto de vista da compensação... eu não acredito muito que alguém possa ser orientador de estágio porque tem uma redução de duas horas ou 4 horas de uma componente lectiva, não acredito que seja essa a grande motivação, portanto... não há assim muitas compensações... muitas contrapartidas...

**G- O que o poderia levar a deixar de ser orientador de estágio?**

A- Essa pergunta é muito difícil de responder porque eu não sei... agora, posso dizer que é assim, se houver do ponto de vista regulamentar algo que belisque os meus princípios e valores, e eu passo a explicar, há uma tendência, tem a ver com umas constância a tender, peço desculpa pela redundância, para a monitorização. Cada vez que olho para o mail do regulamento a tendência é pôr o aluno estagiário, ou o estudante estagiário... não se preocupam com o processo pedagógico mas mais com o processo didáctico... isto para mim é monitorização, isto eu não gosto. Quando isto cair, se isto cair, para já ainda não, conseguiu-se que a UP... há alguma flexibilidade na forma como a faculdade interage com os regulamentos e como consegue pôr isto no terreno, e pronto, para acho que isto está interessante porque dá algum espaço de manobra, alguma criatividade, algum ajustamento às necessidades dos formandos. Quando acontecer isso é uma forte razão para eu, não deixarei de ser porque me cortaram o subsídio de... quanto é?... 60 euros ou 70 euros... tem a ver com, quer aqui quer na escola, porque a escola, se a minha consciência disser que não estão reunidas condições para que o estágio decorra de acordo com a forma que eu acho que deve ser, é essa a razão que me poderá levar a abandonar... respondi?...

**G- Sim senhor. Pronto, relativamente aos contributos do estágio, é apenas uma pergunta. O que é que o processo de orientação lhe trouxe em termos pessoais, profissionais e formativos?**

A- Os pessoais é a riqueza das relações que se estabelecem com essa proximidade, com pessoas com aquelas características. Para já só tenho, tenho saído com grandes amigos, é o que tem acontecido. Tem até, curiosamente, aparecido o meu nome associado a agradecimentos, 3 ou 4 anos depois do estágio. Para mim dá-me muita felicidade, muita alegria, compensa-me sinceramente... porque é assim, eu ter agradecimentos aquando do processo, aquando do ano não valorizo muito, pronto. Agora, passado não sei quantos anos eu ver um agradecimento retroactivo, já não precisa de mim para nada, já não vou avaliar, não vou fazer nada e portanto, sentirem essa necessidade... não é pelo agradecimento em si, quer dizer que alguma coisa correu muito bem e marcou de forma a que, passados tantos anos, a pessoa precise de esclarecer pontos de que aquele ano que aconteceu ali... do ponto de vista das pessoais são as decorrentes das relações. Os profissionais, é altamente desafiante, ou seja, obriga a um constante actualização e a uma constante reflexão sobre os processos, sobre os produtos e sobre os pressupostos por forma a conseguir cumprir a função com alguma qualidade, pelo menos aquela que eu acho que deve

ser, não é? Os únicos feedbacks que eu poderia ter era da faculdade porque insiste em que eu continue a ser orientador, é dos supervisores com quem tenho trabalhado que tenho tido bons feedbacks relativamente ao processo e dos estagiários, claro que as coisas também têm corrido bem. Acho que são essas as compensações que eu posso falar.

**G- Muito bem. Agora, a última pergunta, pode-me responder da maneira que preferir, numa palavra ou numa frase. Qual o balanço global que faz por ser orientador de estágio?**

**A-** Pah... eu tinha a liberdade de poder ser ou não ser, porque eu não sou obrigado a ser orientador de estágio. Portanto, ainda continuo a ser orientador de estágio porque quero, senão, se fosse uma experiência altamente desagradável já teria deixado. Ninguém me pode obrigar a sê-lo. Do meu ponto de vista pessoal, o que eu ganho é conhecimento, é desafio... se eu não tiver qualquer coisa que me desafie aqui vou buscar a qualquer lado. Do ponto de vista dos estagiários espero não estar a ter uma perspectiva turva do que tem acontecido e espero, sinceramente, que eu tenha sido um bom contributo para a sua formação quer como futuros professores ou não, quer fundamentalmente como pessoas, porque é assim, eu entendo que quem vai sair desta formação vai gerir coisas. Se não fôr alunos é outra coisa qualquer. Portanto, as regras do ponto de vista da comunicação, da negociação, do projecto, do plano... estas coisas todas estão obrigatoriamente presentes e o estágio na escola, é a única burocracia que nós temos que garante um número, têm um número suficiente de rotinas estáveis... não sei se respondi?...

**G- Sim. Há algum aspecto que ainda queira referir, relativamente à entrevista?**

**A-** Não, não me parece que haja nada... Não sei, para os objectivos que propôs, parece-me que... eu posso é não ter estado à altura, não sei se respondi como deveria ou não...

**G - ...**

**A - ...**

**G-** Tem alguma sugestão que acha que seja importante considerar?

**A-** Se há alguma coisa que eu ache que... neste tema não me parece, não me parece que neste tema haja essa necessidade...

**G-** Pronto, eu vou dar como concluída a entrevista e agradecer desde já, outra vez, a disponibilidade.